



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Comunicação – FAC

Departamento de Jornalismo – JOR

TOTAL

Projeto de cobertura de entorno em grandes eventos esportivos

Lucas Corrales Vidigal – 10/0015816

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago

Brasília-DF, novembro de 2014.



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Comunicação – FAC

Departamento de Jornalismo – JOR

Comunicação Social – Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago

TOTAL

Projeto de cobertura de entorno em grandes eventos esportivos

Memória do produto apresentado ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social

Brasília-DF, novembro de 2014.



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Comunicação – FAC

Departamento de Jornalismo – JOR

Comunicação Social – Jornalismo

Professores componentes da banca examinadora

Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago (orientador)

Prof. Dr. Sérgio Araújo de Sá (examinador)

Profa. Msc. Márcia Marques (examinadora)

Prof. Dr. Wladimir Ganzelevitch Gramacho (suplente)

Data da apresentação: 3 de dezembro de 2014

RESUMO

Redação de projeto editorial da revista TOTAL, especializada em cobertura do entorno dos maiores eventos esportivos. O produto apresenta indicações para apuração de temas sobre a influência desses acontecimentos nos setores da sociedade alheios ao esporte, a partir de estudos sobre a história do esporte, da mobilização do público e da abordagem da imprensa. Além disso, o trabalho prevê linhas de investigação jornalística a partir da pesquisa sobre as sedes de cada grande competição até os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016.

Palavras-chave: Esporte, jornalismo, projeto editorial, grandes coberturas, evento esportivo, Jogos Olímpicos, Copa do Mundo, Jogos Pan-Americanos, técnicas de apuração

Dedico este trabalho ao conhecimento

AGRADECIMENTOS

Às mais diversas fontes de inspiração, todas espalhadas por aí. Basta procurar.

Aos meus pais, pelo investimento na minha formação acadêmica desde o maternalzinho. E por terem comprado aquele bendito álbum de figurinhas da Copa de 1998 – talvez, sem ele, a primeiríssima semente deste trabalho nunca teria nascido.

Ao meu orientador, o professor Paulo Paniago, que me acompanha em todos os semestres desde o 2º/2011. Além da paciência em trabalhar comigo em sete dos meus dez períodos na universidade, agradeço pela insistência no jornalismo honesto e pelo incentivo à curiosidade, tão em falta em muitos jornalistas.

À minha amiga Ramilla Rodrigues, pelo empenho em diagramar e me sugerir diversos caminhos para este projeto e pelas parcerias jornalísticas nesses dez semestres de curso que se passaram. Também por todos os almoços no Pequim, de onde saíram ideias acadêmicas e desabafos sobre os “obstáculos epistemológicos”.

Aos editores, repórteres e colegas com quem tive a oportunidade de trabalhar neste início de vida profissional. Agradeço em especial aos chefes que me ensinaram, na prática, a ser um jornalista. A citar: no *Destak*, Raphael Bruno e Renata Meliga; na editoria de Trabalho do *Correio Braziliense*, Ana Sá e Mariana Niederauer; e na editoria de Esportes do *Correio Braziliense*, Alexandre Botão e Gustavo Marcondes.

À equipe do jornal *O Estado de S. Paulo* e do *Focas*, em especial aos jornalistas Carla Miranda, Luiz Weber e Marcelo Moraes. A chance de participar da cobertura especial da Copa das Confederações, em junho de 2013, “deu liga” entre a minha curiosidade desde a infância com grandes eventos esportivos e minhas metas acadêmicas e profissionais. E obrigado, também, ao meu colega e amigo João Bosco Lacerda, pelo companheirismo nos meses de dedicação a esse torneio.

Finalmente, a quem, mesmo a um oceano de distância, sempre esteve pronto a mandar a melhor mensagem de apoio para que este trabalho ficasse pronto. Das várias fontes de inspiração mencionadas no início deste agradecimento, essa é quem mais me dá vontade de seguir meus planos.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1. A pesquisa.....	9
1.1. Problema de pesquisa.....	9
1.2. Justificativa.....	10
1.3. Objetivos.....	11
1.3.1. Objetivos gerais	
1.3.2. Objetivos específicos	
2. Referencial teórico.....	13
2.1. Grande evento esportivo: histórico e definição.....	13
2.1.1. A pré-história da competição esportiva.....	13
2.1.2. Os Jogos Olímpicos da Era Moderna.....	14
2.1.3. O surgimento da Copa do Mundo.....	17
2.1.4. Reflexos políticos: regimes totalitários e guerra fria.....	17
2.1.5. Definição de grande evento esportivo.....	22
2.2. Acontecimento jornalístico.....	25
2.2.1. Definição.....	25
2.2.2. Acontecimento esportivo no jornalismo.....	26
2.3. Cobertura de evento esportivo em revista: tipologias e formato.....	28
2.3.1. A grande reportagem e o <i>new journalism</i>	28
2.3.2. A revista.....	30
2.3.3. Revistas esportivas e edições especiais.....	33
3. Construção do produto.....	36
3.1. As inspirações.....	36
3.2. Planos iniciais e definições do projeto.....	41
3.3. Copa do Mundo de 2014.....	47
3.4. Confeção do projeto da TOTAL.....	51
4. Resultado: o projeto editorial da TOTAL.....	57
Conclusão.....	60
Bibliografia.....	62
Anexos.....	64
A1: Orçamento	
A2: <i>Corpus</i> de exemplos	

INTRODUÇÃO

Criar uma publicação capaz de encontrar, num evento esportivo de grande porte, histórias sobre diversos assuntos que vão além dos resultados do “quem-venceu-quem”. O projeto editorial da revista TOTAL é uma indicação de como o jornalismo pode ampliar os horizontes de uma cobertura esportiva e trazer informações relevantes e relatos curiosos ao leitor que pode acompanhar as competições ao vivo com um simples clique no controle remoto ou no computador.

Este trabalho constrói uma publicação especializada em trazer as principais histórias sobre como a presença do esporte afetou aquela cidade ou país sede. Não se trata de fazer um simples guia de cobertura, mas de criar um planejamento de coberturas a partir do conhecimento sobre o que cerca cada grande evento esportivo.

A ideia da TOTAL apareceu a partir das leituras dos meios de comunicação durante os maiores torneios esportivos – desde interesses pessoais na Copa do Mundo de 1998 à cobertura *in loco* da Copa do Mundo de 2014, em 12 cidades brasileiras, e dos preparativos para os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro.

Como um trabalho propositivo, olhando para a frente, a TOTAL faz uma releitura sobre os principais assuntos que dividem as editorias em outras revistas e diários e mostra onde eles atingem e são atingidos pela organização das principais organizações esportivas.

Mais do que apenas um projeto editorial visando à comercialização, a criação da TOTAL envolve debates sobre a importância de o jornalismo segmentado para o esporte em entender a importância das competições nos locais onde são promovidas e para o público. Trata-se de um trabalho não apenas sobre reportagem em esporte ou em qualquer outra editoria, mas sobre a capacidade do jornalista de explorar possibilidades na prática profissional e compreender o contexto que há ao redor daquelas coberturas as quais está acostumado.

1. A pesquisa

1.1 Problema de pesquisa

A divisão do jornalismo em editorias ou em segmentos dá a oportunidade para o repórter de se especializar e se dedicar mais àquilo que escreve. Um jornalista de economia, por exemplo, precisa compreender melhor os números e as cifras para relatar de forma sucinta e objetiva ao público os fatos sobre aquele assunto. Assim como quem cobre política não pode deixar de entender sobre as atribuições de cada esfera do Estado para informar bem o leitor, o ouvinte ou o telespectador. No esportivo, o repórter precisa acompanhar o dia a dia dos principais times de futebol, atualizar o público sobre a classificação da Fórmula 1 e, vez ou outra, falar de outros esportes.

Grandes coberturas, porém, saem do mero cotidiano das rotinas produtivas na redação. O jornalista de política tem nas eleições uma época de mobilização plena. Quem cobre cultura deve ficar atento em tempos de festivais literários e artísticos. Para o pessoal do esporte, Copa do Mundo, Jogos Olímpicos e outras competições internacionais transformam a rotina da equipe.

Todas essas coberturas são relativas a acontecimentos importantes, que atingem a sociedade em diversas áreas. Eleições podem definir os rumos da economia de um país, que interferem na contratação de atletas e nos investimentos que atraem shows de grandes bandas. Por isso, editores de uma publicação jornalística devem ficar atentos às consequências de cada evento importante, pois eles se estendem a diversas áreas.

No esporte, isso também ocorre. A cobertura dos maiores torneios esportivos atraem a atenção do público de tal maneira que a organização para receber turistas e força de trabalho compreende inúmeras obras – o que é de interesse dos governos e da sociedade que vive na sede do evento.

O enfoque dessas coberturas, naturalmente, está nas disputas esportivas. Mas a imprensa vem mostrando cada vez mais os efeitos da organização dos maiores torneios esportivos, e o aprendizado com a Copa do Mundo de 2014, no Brasil, revelou que não é tarefa simples sediar grandes eventos.

Assim, de que forma pode um veículo se organizar para uma cobertura reflexiva sobre as competições esportivas e suas consequências? De onde é possível se retirar pautas de

entorno desses torneios? Quais assuntos são relevantes para o público de fora do país ou cidade sede? Que formato comporta melhor esse tipo de cobertura?

Tais indagações são um ponto de partida para a formulação deste trabalho. No capítulo 3 deste memorial, discute-se como se chegou a essas perguntas e as inspirações para a pesquisa no tema.

1.2 Justificativa

A experiência brasileira em sediar Jogos Pan-Americanos, Copa do Mundo e, futuramente, Jogos Olímpicos, deu ao jornalismo do país uma situação pouco usual. O Brasil deixa de acompanhar à distância as maiores competições esportivas e passa a ser o protagonista das organizações desses eventos.

Quando o país foi sede da Copa do Mundo de futebol em 1950 e dos Jogos Pan-Americanos em 1963, essas competições não mobilizavam o Estado e o mercado publicitário como ocorrem hoje em dia. A televisão, ainda engatinhando, não exibia as competições, que só eram narradas no rádio ou em notas nos jornais dos dias seguintes.

Hoje, para organizar algum desses principais eventos esportivos, é preciso passar por um duro processo de seleção diante das entidades, como a Federação Internacional de Futebol (Fifa), o Comitê Olímpico Internacional (COI) e a Organização Desportiva Pan-Americana (Odepa). Entre os principais critérios, são avaliadas as capacidades econômicas e logísticas de cada nação em sediar as competições, os projetos de obras – dispostos em calendário – e mesmo a opinião pública dos cidadãos sobre receber aquele determinado torneio.

Opinião pública que, inclusive, foi assunto no ano que antecedeu a Copa do Mundo de 2014. Manifestações iniciadas na Copa das Confederações de 2013 – principal evento teste do Mundial – revelaram um sentimento de insatisfação dos brasileiros em relação ao alto custo do torneio aos cofres do Brasil – segundo os manifestantes.

Ou seja, para se colocar em jogo uma grande competição esportiva, não basta convocar as melhores equipes do mundo. É preciso construir estádios, ginásios, aumentar estradas e aeroportos, fomentar o turismo e estabelecer planos de contingência para receber milhões de torcedores estrangeiros.

Isso mostra como a experiência de se receber um evento esportivo importante envolve diversos setores. Requer jogo político, influencia nas contas do Estado e recai sobre uma

sociedade que tem suas rotinas no cotidiano e características culturais. Se, para a imprensa brasileira, essas informações não tomavam tanto espaço até o Pan de 2007, a chegada de competições ainda maiores ao Brasil – Copa do Mundo e Jogos Olímpicos – fez o jornalismo manchetar assuntos ligados a esses eventos, mas fora das editorias esportivas. Valor das obras, atrasos, denúncias de superfaturamento, fluxo de turistas e movimento nas lojas são exemplos de pautas consequência da presença do esporte, mas não sobre ele em si.

Por isso, a TOTAL visa apresentar um modelo editorial para a cobertura sobre o entorno dos maiores eventos esportivos – mas fora do Brasil (com exceção das Olimpíadas de 2016, que entram no planejamento como uma edição especial). A partir das experiências com torneios passados, em especial a singular Copa do Mundo de 2014, pensou-se um projeto para aplicar esses aprendizados na cobertura jornalística de competições futuras, e trazer para o país assuntos relevantes ou curiosos sobre as sedes.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivos gerais

O trabalho pretende pesquisar as possibilidades de um grande evento esportivo pautar os meios jornalísticos com assuntos que vão além dos meros resultados dos esportes. A partir dessa pesquisa, que passa pela revisão de conceitos sobre acontecimento, cobertura jornalística e segmentação em revista, criar o projeto editorial de uma publicação voltada especialmente para a cobertura do entorno das maiores competições do esporte.

1.3.2 Objetivos específicos

- I. Apresentar um histórico dos eventos esportivos para, a partir daí, conceituá-los quanto ao tamanho;
- II. Refletir sobre o que é um acontecimento para o jornalismo e como a grandeza das competições interfere nas coberturas de imprensa;
- III. Discutir o formato ideal para a cobertura sobre o entorno dos grandes eventos esportivos;
- IV. Criar um projeto editorial de uma revista de entorno de grandes eventos esportivos a partir da pesquisa prévia sobre esse tipo de acontecimento – a TOTAL.
- IV. Indicar angulações de coberturas e processos de apuração e produção de uma revista especializada em reportagens sobre assuntos diversos ao redor de um evento esportivo;

V. Planejar previamente a cobertura de edições futuras da TOTAL a partir de pré-apuração sobre as competições e suas sedes, seguindo preceitos definidos.

2. Referencial teórico

As leituras para embasar a criação do projeto editorial da TOTAL partiram de três princípios. Primeiro, era necessário estudar o histórico das competições esportivas e de suas influências para que se chegasse a uma noção do que é o grande evento esportivo, objeto de cobertura da TOTAL.

Em segundo lugar, noções sobre acontecimento jornalístico e processos de planejamento de cobertura nortearam as reflexões sobre a unicidade dos eventos esportivos e como a imprensa pode abordá-los. Por último, a partir de entendimentos a respeito do formato reportagem, este trabalho discute a revista e como se deu a cobertura das principais competições nesse formato.

2.1 Grande evento esportivo: histórico e conceito

O processo histórico demonstra que os interesses políticos e comerciais sobre os eventos esportivos definiam e ao mesmo tempo eram definidos pelo interesse do público em tais competições. Este capítulo visa justificar, por meio da análise histórica, a força dos maiores eventos no mundo do esporte desde a construção do interesse em competições, na Grécia Antiga.

2.1.1 A pré-história da competição esportiva

São poucos e esparsos os registros de competições na Pré-História e mesmo na Antiguidade até os primeiros Jogos Olímpicos da Idade Antiga. Na Grécia, os poemas *Odisseia* e *Ilíada*, de Homero, contêm os primeiros relatos da prática esportiva e competitiva na civilização ocidental (TSURUDA, 2007). Ambas as obras são estudadas por historiadores como retratos da sociedade na península grega àquela época. Assim, versos que citavam a premiação, a convocação de mais idosos para servirem como árbitros e a participação de jovens em competições para homenagear heróis mortos são registros das práticas esportivas competitivas anteriores aos Jogos Olímpicos da Idade Antiga.

A mesma aura sagrada aparecia nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, oferecidos aos deuses no Santuário de Zeus, em Olímpia. Ali, lutas, corridas de carroças e competições do que viria a se tornar o atletismo eram vistas sob os olhos de visitantes de diversas cidades-estado que compunham a Antiguidade grega. Esse caráter universal dentro daquela

comunidade mediterrânea evidencia, ainda que com motivos religiosos, o lado agregador do evento esportivo.

No curso da História, após a Grécia Antiga, pode-se citar outras pequenas competições esportivas. A luta dos gladiadores romanos, por exemplo, podia ter o destino decidido pela reação do público. Caso os presentes nos coliseus manifestassem torcida contra um dos gladiadores, ele era morto. Tal competição fazia parte da política *panis et circensis* por volta do século II a.C, ou seja, era uma forma que o Estado em Roma de entreter a população em troca de apoio popular. Apesar dos poucos registros, se forem somados os embates de Roma Antiga com as competições já citadas na Grécia, é possível ver como, desde a Antiguidade, o esporte sempre esteve ligado ao momento social e político no qual estava imerso.

O fator extra-esporte era tão grande que os próprios Jogos Olímpicos foram proibidos no século IV pelo imperador Teodósio I (período cristão no Império Romano), que vetou festas consideradas pagãs. A partir daí, há poucos registros de competições grandes que mobilizassem tantas atenções. Há, porém, fora da civilização europeia, relatos de esportes com bola na América Central pré-colombiana em competições com o mesmo viés ritualístico, como o Tlachtli, praticado pelos astecas, cujo auge foi atingido entre os séculos XIV e XVI (WASSERMAN, 1983). O esporte era praticado em uma cancha em formato de T, com uma bola de borracha que deveria ser lançada a um dos gols apenas com os glúteos ou os joelhos. Além de chamar a atenção do povo asteca pela possibilidade de se fazer apostas, havia também o lado ritualístico dos embates esportivos para com os deuses daquela civilização politeísta.

2.1.2 Os Jogos Olímpicos da Era Moderna

Tentativas de reviver os Jogos Olímpicos ao longo da História surgiram na Inglaterra, na França e na própria Grécia no começo da Idade Contemporânea. Ao assistir a esses festivais olímpicos, Pierre de Fredy, conhecido como Barão de Coubertin, idealizou as Olimpíadas tal qual existem hoje. Para isso, formou junto a filantropistas gregos o Comitê Olímpico Internacional (COI) e, após congressos e discussões com a redação de cartilhas sobre o Movimento Olímpico, deu início às Olimpíadas da Era Moderna em 1896, em Atenas, para esportistas amadores.

A periodicidade acordada nas reuniões do COI para os Jogos era a mesma que caracterizava o conceito de Olimpíada na Grécia Antiga: quatro anos, que na Antiguidade se

iniciavam a cada evento. Na Era Moderna, esse intervalo do tempo, aliado ao fato de cada edição ser promovida em uma cidade sede diferente, dá aos Jogos Olímpicos uma singularidade. Com atletas participantes diferentes a cada quatro anos em locais distintos, nenhuma edição é igual à outra.

Sedes diferentes a cada edição e o caráter global dos Jogos Olímpicos lembram a Feira Mundial, hoje conhecida como Expo. O evento reúne expositores do mundo inteiro e tinha força principalmente no século XIX e início do XX, sem periodicidade ou organização definidas da mesma maneira com a qual ocorre nos eventos esportivos de hoje – a cada quatro anos e com longos processos seletivos de sedes.

O chamariz das Feiras Mundiais eram os pavilhões, que ofereciam a oportunidade de exibir avanços científicos e culturais. A primeira exposição registrada como Feira Mundial ocorreu em 1851, em Londres, e até os dias atuais é organizada, sob a égide do Escritório Internacional de Exposições (BIE, na sigla em francês). Edições iniciais partiam das ideias e interesses de comerciantes e industriais em demonstrarem durante uma grande convenção produtos e ideias. Tjaco Walvis (2004) divide o histórico do evento em três eras distintas. A primeira fase, até 1938, era caracterizada pela divulgação dos projetos essencialmente industriais, uma vez que o mundo assistia à consolidação da Segunda Revolução Industrial. A etapa seguinte, até 1987, tinha o componente cultural mais forte, com o crescimento dos movimentos de independência e a evolução das tecnologias de transporte (avião) e de comunicação (televisão, rádio, telefone). Atualmente, as Expos são trabalhadas pelos países participantes como forma de terem a nação divulgadas como marca, para atrair investimento. As Olimpíadas de Paris, em 1900, e Saint Louis (Estados Unidos), 1904, ocorreram durante a Feira, o que ofuscou a ainda embrionária competição esportiva.

Mesmo com a supressão das Olimpíadas pelas Feiras Mundiais, Atenas recebeu em 1906 os Jogos Intercalados, uma edição comemorativa e não oficial dos Jogos Olímpicos para reacuar o evento. Em anos seguintes, a competição era promovida com pouco orçamento, uma vez que o comitê não previa financiamento por meio de publicidade, mas a reunião de atletas amadores em uma cidade atraía a atenção do público. Vale citar como edições bem sucedidas dos Jogos Olímpicos as competições de 1912, em Estocolmo (Suécia), 1920, em Antuérpia (Bélgica) e 1924, em Paris (França).

Nas três vezes, houve bom número de países participantes e as competições ocorreram em curto espaço de tempo, diferentemente de anos anteriores, quando os Jogos duravam meses e as disputas eram espaçadas, o que levou muitos espectadores a não saber que se tratava de uma prova olímpica (DUARTE, 2004). Na conceituação de grande evento esportivo, será visto o porquê do espaçamento curto de tempo entre as competições ser determinante na definição desse acontecimento.

Naquele ano de 1924, após tentativas de incluir esportes no gelo nos Jogos Olímpicos, o Comitê Olímpico Internacional acrescentou ao programa das Olimpíadas de Paris a Semana Internacional de Esportes de Inverno, que ocorreram em fevereiro na cidade alpina francesa de Chamonix. Além de hóquei no gelo e da patinação artística, que chegaram a passar pelas Olimpíadas de Verão, modalidades na neve como o esqui entraram em disputa.

Com a participação de 16 países e boa organização, o COI entendeu que a competição, que passaria a ser conhecida como Jogos Olímpicos de Inverno, deveria ser mantida a cada quatro anos, sempre de cinco a sete meses antes das Olimpíadas de Verão. Tal competição ganhava força entre países em regiões com inverno rigoroso como Europa e América do Norte -- onde estavam as potências olímpicas também no verão.

Assim, em nações como Canadá, Noruega e Finlândia, as competições de inverno eram até mesmo mais importantes do que as disputas em julho ou agosto. Esse foi um dos motivos que levou o COI a mudar a periodicidade dos Jogos Olímpicos, intercalando edições de verão e de inverno a cada dois anos, a partir de 1994, edição ocorrida em Lillehammer, na Noruega.

A promoção de eventos poliesportivos, evidentemente em menor escala que os Jogos Olímpicos, estiveram entre os esforços de organizações esportivas para fortalecer a integração com países vizinhos. Assim, à medida que os Jogos Olímpicos conquistavam a atenção das políticas nacionais, foram surgindo competições continentais. Pode-se citar os principais: Jogos Pan-Americanos, que estrearam em 1951 (Buenos Aires, na Argentina), os Jogos Pan-Africanos, com a primeira edição em 1965 (Brazzaville, no Congo) e os Jogos Asiáticos, com início em 1951 (Nova Déli, na Índia).

Tais eventos são positivos principalmente aos países sem tanta tradição esportiva, uma vez que, sem a presença de todas as potências internacionais, há mais chance para eles de

conquistar medalhas. Em alguns casos, eventos poliesportivos regionais servem como oportunidade de classificação aos Jogos Olímpicos.

2.1.3 O surgimento da Copa do Mundo

Naturalmente, algumas modalidades previstas no programa olímpico seriam favoritas a atrair a atenção do público que outras. Já na primeira metade do século XX, o futebol já estava entre os esportes coletivos com maior apelo no mundo. Porém, a Federação Internacional de Futebol (Fifa) não dispunha ainda de um torneio internacional de seleções. Com a boa audiência vista nas Olimpíadas, a entidade decidiu utilizar o torneio olímpico da modalidade como um Mundial: nas duas vezes em que isso foi feito (1924 e 1928), o Uruguai foi o campeão – daí, o apelido “Celeste Olímpica” da equipe.

Em ascensão no esporte, visível naquelas edições vitoriosas das Olimpíadas, o Uruguai foi escolhido pela Fifa para sediar a primeira Copa do Mundo de Futebol, em 1930. A decisão de se criar um torneio internacional da modalidade foi tomada em 1928, apenas dois anos antes da primeira edição. Para o Mundial, equipes receberiam convite. Por causa da distância, as seleções precisariam seguir uma rota longa de navio: por isso, nove dos 13 países participantes eram das Américas -- o restante, da Europa.

O continente americano, principalmente na parte Sul, era especialmente forte no futebol. Isso se mostra com a Copa América, considerada o torneio mais antigo do mundo, uma vez que existe desde 1916, de acordo com a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol). E dentro de países como Brasil e Argentina, disputa entre clubes nas grandes cidades eram acompanhadas de perto pela elite, num período ainda não popular do esporte.

2.1.4 Reflexos políticos: regimes totalitários e Guerra Fria

As décadas de 1920 e 1930 foram marcadas pela consolidação dos regimes totalitários em parte da Europa. Correntes ultranacionalistas emergiram ao fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), como o nazismo alemão e o fascismo italiano, além da Revolução Bolchevique que deu o poder aos comunistas na Rússia em 1917 -- que cinco anos depois viria a se tornar União Soviética.

As condições políticas desses países se refletiram na organização dos maiores eventos esportivos à época: a Copa do Mundo e as Olimpíadas. O esporte ganhou, a partir do fim da Primeira Guerra Mundial, a característica de unir as massas de uma determinada sociedade.

Por isso, governos passaram a usá-lo como mecanismo de militarização. Atletas de uma modalidade passavam a ser soldados nacionais.

O advento da cultura de consumo em massa em torno da Primeira Guerra Mundial acelerou o crescimento do esporte, especialmente ao formar uma audiência de massa. A crescente popularidade do esporte nesse período levou a uma maior interação direta do governo no esporte e seus usos no desenvolvimento da força militar, e mais espetacularmente nas ditaduras – mas não limitadas as elas, o esporte no período entre guerras teve um distinto sabor militarístico. (NAPOLITANO, 2009, pp. 12-13)¹

Grandes arenas e equipes vitoriosas serviriam como propaganda daqueles Estados. Sedar essas grandes competições tinha como maior interesse não só a propaganda fora do país sede, mas principalmente dentro do local onde ocorria o evento, para que o apoio político por parte da população fosse aumentado ou mantido (GORDON e LONDON, 2006).

A segunda edição da Copa do Mundo, na Itália, em 1934, serviu ao ditador Benito Mussolini como propaganda de exaltação ao fascismo e custou ao país 3,5 milhões de liras. Naquela sociedade, que visava resgatar a força italiana como herdeira do Império Romano, o nacionalismo era fortalecido com a ideia de militarismo. Portanto, a vitória da seleção italiana – que trocara a célebre cor azul do uniforme pelas camisas pretas, cor oficial do fascismo – tinha ainda o componente belicista. Valia à Itália, para provar a força por sobre os outros países, vencer a Copa do Mundo (GORDON; LONDON, 2006).

Seria a primeira Copa do Mundo em solo europeu. Ao todo, 16 países participaram, 12 deles da Europa. Brasil, Argentina, Estados Unidos e Egito completavam o grupo de classificados. O futebol italiano era forte, com liga local existente desde 1896 e com times de expressão na Europa, como o Torino, o Milan e o Roma.

Utilizar o esporte em paralelo ao militarismo para fortalecer a identidade nacional já era utilizado por regimes não totalitários na França e na Grã-Bretanha durante a virada do século XIX para o XX (NAPOLITANO, 2009). Porém, a Itália fascista centrou a ideia do soldado-esportista em torno da figura do *Duce*, nome dado ao ditador Mussolini. Assim, ele, enquanto exemplo de praticante desportista, passava a propaganda de que era o melhor para

¹ Do original em inglês (tradução minha): The advent of mass consumer culture around the First World War accelerated the growth of sport, especially in forming a mass audience. The rising popularity of sport in this period led to more direct government interaction in sport and its use in developing military strength, and most spectacularly in the dictatorships but by no means limited to then, sport in the interwar years took on a distinctly militaristic flavor.

governar aquele país enquanto forte, viril e saudável. Por isso, o fomento à prática esportiva e competitiva estava nos planos do ditador para enaltecer a própria imagem.

Havia uma ameaça de que consequências ocorreriam caso os atletas italianos não conquistassem aquele título. “Vencer ou morrer”, dizia um telegrama enviado aos jogadores na véspera da partida contra a Noruega (GORDON; LONDON, 2006). De fato, a Itália contava com uma boa equipe, cujos jogadores faziam boa temporada nos principais clubes daquele país, e se sagrou campeã. Com o sucesso do time italiano, Mussolini saiu fortalecido como governante, ao incluir a conquista da segunda edição da Copa do Mundo dentre os feitos daquele regime.

Paralelamente à Copa do Mundo de 1934, ocorria na Alemanha a organização dos Jogos Olímpicos de 1936, programados para Berlim. O país vivia sob o regime nazista de Adolph Hitler desde 1933, que assumiu o poder após onda de nacionalismo entre os alemães, causado pela reação às duras sanções econômicas e militares sofridas pelo país ao fim da Primeira Guerra Mundial.

Hitler chegou ao poder depois de o Comitê Olímpico Internacional ter anunciado, em 1931, a vitória da candidatura de Berlim às Olimpíadas de Verão. Também para 1936, a Alemanha fora eleita sede das Olimpíadas de Inverno na cidade de Garmisch-Partenkirchen, na região da Bavária. Apesar de o regime nazista ainda não ter chegado ao poder naquele ano, interessava ao Comitê Olímpico Internacional promover a competição, uma vez que federações nacionais dos países sob regimes autoritários eram compostas por membros desses governos, além da existência de relações positivas entre integrantes do COI e líderes desses países, interessados no esporte como forma de propaganda (ROCHE, 2000).

Tal complacência do COI com o regime nazista apareceu logo na cerimônia de abertura das Olimpíadas, de verão e de inverno, em 1936, que se tornaram uma versão compacta dos desfiles militares do regime de Hitler. No lugar de bandeiras com os aros olímpicos, estádios com o vermelho e o preto da flâmula da suástica, o maior símbolo daquele período na Alemanha. Presença do exército e gritos de “Heil, Hitler!” estavam entre os segmentos das solenidades.

Em campo, os jogos foram uma forma de Hitler exaltar a “supremacia da raça ariana”. Para tanto, o ditador proibiu em 1933 que alemães não-arianos, principalmente judeus e

ciganos, participassem de práticas desportivas, o que fez com que todos os atletas da Alemanha nos Jogos de 1936 fossem arianos (etnia nórdica).

Para registrar os 15 dias de competições, o governo nazista chamou a cineasta Leni Riefenstahl, que dirigia o filme *Olympia*. O filme acabou se tornando, mais tarde, um marco no cinema de documentário com técnicas de filmagem consideradas inovadoras à época, que serviram principalmente a exaltar a monumentalidade das arenas de Berlim e os traços corporais do povo alemão, elevando a ideia da “superioridade ariana” (McFEE; TOMLINSON, 1999). O filme foi lançado dois anos depois dos jogos para concorrer a prêmios internacionais e difundir os ideais nazistas. Acabou premiado nos principais festivais europeus da Europa.

Ao fim dos Jogos de 1936, a Alemanha terminou no topo do quadro de medalhas, com 33 ouros, 26 pratas e 30 bronzes, seguida pelos Estados Unidos, contra quem entraria em guerra em menos de uma década depois. A União Soviética, que recebera pela primeira vez o convite para participar dos jogos, boicotou, assim como a Espanha, que viva sob regime de esquerda adversário do fascismo.

Em 1940, os Jogos Olímpicos ocorreriam em Tóquio, capital do Japão. Porém, com o início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) um ano antes, as Olimpíadas foram canceladas e só voltaram a ser promovidas em 1948, em Londres. A organização da Copa do Mundo de futebol também foi interrompida até o Mundial de 1950, no Brasil, vencido pelo Uruguai após o épico 2 a 1 no jogo final do quadrangular decisivo. Tal campeonato sentiu os efeitos da guerra que acabara cinco anos antes. Itália e Alemanha, forças da modalidade, foram proibidas de participar e poucas seleções se comprometeram a gastar com a viagem até o Brasil: apenas 13 equipes participaram.

Após a Segunda Guerra Mundial, o mundo viveu um período de tensões com o acirramento das disputas diplomáticas entre Estados Unidos e União Soviética. Aliados na guerra, os dois países passaram a disputar influência ideológica e comercial em outros países. Tal qual observado no período entre guerras (1919-1939), o esporte passava a ser utilizado com teor militar e nacionalista.

Esse uso propagandístico do esporte ficou mais evidente nos países do bloco comunista. Enquanto Estados Unidos e União Soviética se revezavam na liderança dos quadros de medalhas dos Jogos Olímpicos do pós-guerra, outros países comunistas, mesmo

pequenos, tinham desempenho ótimo. Um exemplo é a Alemanha Oriental, do bloco socialista, bem menor em tamanho e população que a vizinha Ocidental, mas que obteve resultados mais expressivos nas Olimpíadas nas décadas de 1960 a 1980, chegando a ficar à frente dos Estados Unidos em duas ocasiões (1976 e 1988).

No futebol, o efeito do comunismo não chegou a atingir a Copa do Mundo com tanta força. As principais seleções, assim como as sedes dos Mundiais, estavam no bloco ocidental. Ressalta-se, porém, o desempenho da Tchecoslováquia no Chile, em 1962, quando foi vice-campeã, e da Hungria, segundo lugar em 1954 em um torneio que venceu todos os jogos com grandes placares até ser derrotada na final pela Alemanha Ocidental.

Nos Jogos Olímpicos, o desempenho do futebol dos países comunistas foi arrebatador, ao conquistar todas as medalhas de ouro entre 1952 a 1980. Isso porque, nessa época, não eram permitidos jogadores profissionais, restando às equipes convocarem jogadores amadores. Porém, atletas do bloco oriental eram contratados do governo, como se fossem patrocinados e não profissionais. Com isso, equipes do Leste Europeu iam às Olimpíadas com força máxima, diferentemente dos países ocidentais,

Outro desenrolar das disputas políticas entre ocidente e oriente, que ficaram caracterizadas pelo nome de Guerra Fria (1945-1989), foi o boicote dos países capitalistas aos Jogos Olímpicos de Moscou (União Soviética), em 1980. Naquele tempo, a URSS vivia sob o governo de Leonid Brezhnev, em um período marcado pelo início da distensão soviética com os Estados Unidos, com tratados de não proliferação de armas nucleares ao fim da década de 1970.

Porém, apesar do início das boas relações entre os dois países, os Estados Unidos se opuseram à invasão da URSS ao Afeganistão em 1979. Não interessava aos norte-americanos ganhar mais um país inimigo no Oriente Médio, onde no mesmo ano o Irã se tornara uma república islâmica e anti-americana. Em resposta, o presidente à época, Jimmy Carter, suspendeu a participação dos Estados Unidos nas Olimpíadas de 1980.

Sem os Estados Unidos, outros 65 países se recusaram a competir em Moscou, também em represália aos ataques soviéticos no Afeganistão. Alguns aliados do bloco ocidental, como França, Itália e Grã-Bretanha, concordaram em participar desde que símbolos nacionais daqueles países não fossem representados pelos atletas, que competiram todos sob a bandeira olímpica (aros entrelaçados).

A ausência dos Estados Unidos e de outros países afetou o resultados dos jogos. No quadro de medalhas, domínio completo da União Soviética, seguida por Alemanha Oriental, Bulgária e Cuba. Apenas na quinta colocação aparecia uma equipe do bloco ocidental: a Itália,

Sob o governo de Constantin Chernenko, a União Soviética, em represália ao boicote de 1980 e temendo reações negativas da população norte-americana, boicotou as Olimpíadas de 1984, que ocorreram em Los Angeles (EUA). O boicote daquele ano teve menos força que o anterior: apenas 15 países, aliados do bloco oriental, se recusaram a viajar aos Estados Unidos. Porém, a falta de grandes potências olímpicas da época como a própria URSS, Alemanha Oriental e Cuba, teve reflexos até mesmo no marketing de grandes empresas. Antes dos Jogos, a rede de fast food McDonald's iniciou a promoção que, a cada medalha de ouro norte-americana, um Big Mac (o principal sanduíche da rede), seria distribuído gratuitamente a cada cliente. Sem a URSS, Alemanha Oriental e outros países comunistas com tradição em esportes olímpicos, os EUA ficaram com 80 ouros, bem acima da Romênia, segunda colocada no quadro de medalhas, com 26.

2.1.5 Definição de grande evento esportivo

O histórico dos eventos esportivos revelou que eles não atingem nem são atingidos somente pelas disputas das diversas modalidades. Tanto a política quanto a economia, além das preferências dos espectadores, dizem respeito à sobrevivência de cada competição, já que, como visto, elas dependem de apoio e interesse governamental e financeiro para ocorrerem. Ao mesmo passo, esses fatores externos à competição, como demonstra a evolução histórica, também interferem no resultado em campo, na piscina ou na quadra – como nos boicotes da Guerra Fria.

O alcance e a relevância da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos no cenário do esporte, então, podem ser justificados pela própria preocupação que governos locais, desde o período dos regimes totalitários, e grandes empresas tinham em lucrar com a promoção desses eventos.

Nisso, é possível observado o grande evento esportivo como aquele que, por ter abrangência internacional e reunir os melhores competidores de uma ou mais modalidades preferidas do público, atrai atenção de milhões de pessoas pelo mundo.

Uma das características em comum entre esses acontecimentos de larga abrangência é a periodicidade. A contagem de tempo em olimpíadas – períodos de quatro e quatro anos respeitados na antiguidade grega – se estendeu para a versão da era moderna deste evento. A Copa do Mundo, para não chocar com os Jogos Olímpicos, também foi idealizada para ocorrer a cada quatro anos, sempre em ano par não bissexto.

Nota-se, também, a presença de uma sede específica para cada edição desses eventos de maior porte. No caso dos Jogos Olímpicos, geralmente uma cidade, enquanto na Copa do Mundo, um país inteiro². Essas localidades são escolhidas com antecedência e variam de continente para que se atinja alguma diversidade de sedes.

Ou seja, levando-se em conta a leitura histórica das competições esportivas, o tamanho dos eventos esportivos pode ser definido:

- Pela difusão da(s) modalidade(s) pelo mundo;
- Pela internacionalidade dos participantes, ou seja, quanto mais países competem no torneio, maior é a abrangência;
- Pela longa periodicidade, o que tira da competição o caráter banal;
- Por acontecer em apenas uma cidade ou país sede, pré-definidos pela organização do torneio.

Assim, para os efeitos da construção do produto ao qual este trabalho se refere, temos:

- Por **grande evento esportivo de abrangência mundial**, os Jogos Olímpicos (Verão e Inverno) e a Copa do Mundo. Ambas as competições têm modalidades de abrangência intercontinental, movimentam verbas, mobilizam governos e ganham coberturas especiais dos meios de comunicação.
- Por **grande evento esportivo de abrangência específica**, competições continentais das principais modalidades, como, no caso do futebol, Copa América, Euro, Copa Africana de Nações e Copa da Ásia. No caso dos eventos poliesportivos, Jogos Pan-Americanos, Jogos Pan-Africanos, Jogos Asiáticos

²A marca de cada edição olímpica se refere a uma cidade apenas, por exemplo: “Rio de Janeiro 2016”. Mesmo assim, por questões logísticas, algumas modalidades são disputadas em outras localidades, como futebol e eventos ligados ao mar, como a vela – quando não há saída para oceano ou grandes lagos na sede principal. Na Copa do Mundo de futebol, porém, apenas a edição de 1930 foi disputada em apenas uma cidade, Montevidéu (Uruguai).

(Asíada) e Jogos Europeus. Também entram na lista torneios internacionais de esportes menos populares, como campeonatos mundiais de futebol feminino, vôlei, basquete, atletismo e natação e competições poliesportivas para grupos específicos, como a Universíade (universitários) e as Paralimpíadas (atletas com deficiência);

- Por **evento esportivo de porte médio**, competições importantes para fãs das modalidades específicas, mas sem longa periodicidade e/ou larga abrangência. Por exemplo, torneios nacionais ou regionais de futebol, como o Campeonato Brasileiro (“Brasileirão”) ou a Uefa Champions League (campeonato europeu). Apesar da importância, esses eventos são mitigados ao longo de vários meses e sem uma sede definida (no caso da “Champions”, só a final é escolhida previamente). Outro exemplo é o Mundial de Fórmula 1, anual e com corridas entre abril e novembro de cada ano em diversas localidades. Também entram nesta classificação a Liga Mundial de vôlei masculino e o Grand Prix de vôlei feminino³, que, apesar de contar com times do mundo inteiro, dura mais de um mês e são disputados anualmente em várias cidades do planeta – também com exceção das finais;
- Por **evento esportivo pequeno**, torneios de modalidades de menor interesse do público e/ou com abrangência curta, como campeonatos estaduais de futebol em estados sem tradição na modalidade.

Tais conclusões, ressalta-se, foram tiradas a partir de minha leitura histórica sobre as competições esportivas. Não há literatura que meça o tamanho dos eventos de esportes, portanto, deve-se lembrar que as classificações acima vêm como conclusão minha, como autor, a partir de observações anteriores.

Vale lembrar que a definição do futebol como modalidade mais visada segue critérios de popularidade. A Federação Internacional de Futebol (Fifa) afirma que o esporte é praticado em mais de 200 países pelo mundo, mas há poucos dados precisos sobre isso.

Porém, a audiência na televisão dos jogos ao vivo dá uma pista sobre a popularidade do futebol. Só nos Estados Unidos – país onde a modalidade sequer é a favorita – 26,5

³ Não confundir com os campeonatos mundiais da modalidade, quadrienais. As últimas edições foram disputadas em 2014, na Polônia (masculino) e na Itália (feminino), e só voltarão em 2018.

milhões de pessoas acompanharam a final da Copa do Mundo de 2014 entre Alemanha e Argentina, de acordo com o instituto norte-americano Nielsen. Os dados consolidados sobre a audiência no torneio deste ano não foram consolidados até o fechamento deste trabalho, mas no evento anterior, em 2010, a Fifa estimou que 700 bilhões assistiram à competição pelo mundo.

Na subparte 4.4, será discutido o porquê de cada evento ter sido escolhido para a cobertura da TOTAL e encaixado no projeto editorial da revista. A seguir, a partir dessa revisão do aparecimento das maiores competições esportivas, será revisitado o conceito de acontecimento jornalístico e como essas definições se aplicam no planejamento de coberturas de torneios de esporte.

2.2 Acontecimento jornalístico

2.2.1 Definição

A função jornalística é a de informar a determinado público o retrato da realidade. Ou, como cita Michael Kunczik (1997), uma “profissão de comunicação” das pessoas que “reúnem, detectam, avaliam e difundem as notícias”. Nilson Lage (2014) escreve que o jornalista deve “saber selecionar o que interessa e é útil ao público (o seu público, o público-alvo); buscar a associação entre essas duas qualidades, dando à informação veiculada a forma mais atraente possível”.

Assim, a prática do jornalismo depende do tratamento que se dá às informações no campo da realidade. Eventos imediatos e inesperados estampam manchetes e dão ao jornalismo a dimensão do novo – um dos componentes de tal ofício. Ainda assim, há eventos que são esperados e, pelo interesse público (pelo que se entende como fator que modifica o contexto vivido pelo receptor) e do público (pelo que se entende como fator procurado pelo receptor segundo suas curiosidades), ganham espaço nos meios de comunicação.

O conceito de acontecimento proposto por Christa Berger e Frederico Tavares (2009) passa pela presença dele no dia a dia da linguagem do indivíduo, a citar: “Ele [o acontecimento] está na vida cotidiana, como objeto de referência, matéria-prima para os relatos do mundo da vida”. Assim, os autores separam o acontecimento jornalístico daquele

meramente cotidiano, estudado pelas ciências humanas, pois “diz respeito [...] das linguagens jornalísticas que constroem o acontecimento”⁴.

Berger e Tavares (2009) ainda dividem o acontecimento jornalístico a partir de tipologias. Em primeiro lugar, o campo dos acontecimentos inesperados, que, como diz a classificação, são aqueles fora de qualquer programação -- o que não significa sem qualquer tipo de previsibilidade. São subdivididos pelos autores em microacontecimentos (previsíveis e com pequeno valor-notícia), macroacontecimentos (que provocam reações no ambiente dos sistemas) e megaacontecimentos (mediáticos, mas que ultrapassam a mera perturbação do sistema). Ou seja, macro e megaacontecimentos são os que prendem a atenção dos meios jornalísticos, com hierarquia que favorece a última categoria.

Em segundo lugar, Berger e Tavares (2009) citam autores como Patrick Charaudeau para definir o acontecimento projetado. Na definição do autor francês (2006), diferencia-se o acontecimento programado (já conhecido anteriormente) e suscitado (“preparado e induzido por algum setor da sociedade”⁵).

O acontecimento projetado é aquele que, diferentemente do inesperado, vem planejado ou idealizado previamente e com devido conhecimento dos setores da mídia. Ou seja, a imprensa pode, a partir daí, planejar os ângulos da cobertura a ser dada.

2.2.2 Acontecimento esportivo no jornalismo: planejamento de cobertura

É no campo do acontecimento projetado que fica possível encontrar os eventos esportivos de grande porte, como Copa do Mundo e Olimpíadas, e os medianos, como Copa América, Euro e Jogos Pan-Americanos (como dito no capítulo anterior, classificação relativa ao público brasileiro). Como vêm com data marcada de início – vale lembrar que a própria “marcação de data de início” também tem dia certo para ocorrer e atrai interesse mediático (como no anúncio do Rio de Janeiro para sede dos Jogos Olímpicos de 2016) –, esses acontecimentos dão aos veículos de comunicação a oportunidade de planejar a cobertura previamente, ou seja, deslocar esforços da redação em abordar tais eventos em sua totalidade.

De acordo com Cicélia Batista (2008), o planejamento de cobertura consiste “num processo de organização que envolve tanto os recursos técnicos e materiais quanto os critérios

⁴ BERGER, Christa; TAVARES, Frederico M. B. *Tipologias do acontecimento jornalístico*. In: *VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. São Paulo: SBPJor, 2009. Página 2.

⁵ BERGER, Christa; TAVARES, Frederico M. B. *Tipologias do acontecimento jornalístico*. In: *VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. São Paulo: SBPJor, 2009. Página 12.

profissionais de noticiabilidade que nortearão a produção jornalística”⁶. Esse é o efeito da possibilidade do conhecimento prévio do acontecimento, diferentemente de coberturas não anunciadas como acidentes aéreos ou, no caso do jornalismo esportivo, os próprios resultados das competições.

Apesar de as decisões dos jogos esportivos serem inesperadas, sabe-se ainda assim previamente que essas disputas ocorrerão. As editorias de esportes encontram ainda maior liberdade editorial em relação às outras seções -- dentro ou fora (no caso de publicações ou canais de televisão segmentados) da mesma empresa de comunicação.

A autora Viviane Borelli (2002), citando Luiz Amaral (1969) e Maurice Mouillaud (1997), descreve a editoria de esporte como capaz de mudar a ordem natural do periódico, uma vez que recai nela a necessidade da cobertura dos eventos esportivos de extremos interesse e relevância, como Copa do Mundo e Olimpíadas.

Quando um jornal muda sua estrutura, deixando de enquadrar o esporte nas páginas corriqueiras, está estabelecendo um novo ‘contrato’ e criando novos vínculos com seu leitor, construindo, a partir deste modo de dizer, outros sentidos. Este ‘poder’ do esporte em alterar parte da estrutura jornalística é efetivado com a criação de cadernos especiais, com coberturas especiais dos ídolos em ocasiões como conquistas, quebra de recordes, mortes, entre outras ocorrências, com abordagem de temas relativos ao campo esportivo em outras editorias como de marketing, política, saúde, tecnologia, relações internacionais, etc. (BORELLI, 2002, p.8)

Esses grandes eventos datados são capazes de mobilizar a estrutura de um jornal inteiro da mesma forma que as decisões acerca do entorno de tais acontecimentos dizem respeito à situação política, econômica e social daquela sede e, muitas vezes, das nações envolvidas. Borelli (2002) também cita esse fluxo de informações extra-esporte, ao afirmar que “da mesma forma em que a mídia agenda o esporte e vice-versa, estas agendas sofrem injunções de agendas de outros campos sociais. Atualmente, uma multiplicidade de agendas se cruzam e disputam os mais diversos sentidos sobre os fatos”⁷.

Cabe, aqui, revisitar o conceito de agendamento de Max McCombs e Donald Shaw (1972), que explicam na publicação *The agenda-setting function of mass media* a hipótese de os meios de comunicação serem capazes de agendar, ou seja, de colocar questões políticas em debate, da mesma forma que a sociedade também devolve à imprensa temas a serem abordados. McCOMBS (s/d) ainda volta a repassar a noção de agendamento a itens fora do

⁶ BATISTA, Cicélia. *O planejamento de cobertura na construção do acontecimento esportivo*. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal: Intercom, 2008. Página 2

⁷ BORELLI, Viviane. *O esporte como uma construção específica no campo jornalístico*. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador: Intercom, 2002. Página. 17

campo político e reforça a necessidade de o público endossar as escolhas de pauta ao afirmar que “a mídia promove o agendamento apenas quando os cidadãos percebem aquela novidade como relevante”⁸, no discurso *The agenda-setting role of the mass media in the shaping of public opinion*, sem data.

É dessa seleção de pautas em função de como o público percebe sua relevância que os meios jornalísticos percebem a possibilidade de explorar áreas além do cerne do grande evento. Quando se diz “cerne”, quer-se dizer a intenção com a qual o acontecimento foi criado, ou seja, no caso do esporte, a competição esportiva e os jogos em si.

O público, portanto, nota como esses grandes eventos esportivos extrapolam o campo de disputa entre atletas ou equipes e interfere em outros setores como cultura, política e economia. Por isso, os efeitos externos da competição, quando em grande porte, passam a fazer parte do interesse público e do público, que vê como relevante conhecer esses panoramas além do esporte.

2.3. Cobertura de evento esportivo em revista: tipologias e formato

2.3.1 A grande reportagem e o *new journalism*

Uma vez que o jornalismo se caracteriza pela apresentação de fatos a partir de meios de comunicação, é preciso que as informações sejam transmitidas de maneira clara a quem recebe. Ruídos na troca entre emissor (jornalista) e receptor (leitor, ouvinte ou telespectador) comprometem o papel do fazer jornalístico, que é de informar. Por isso, faz-se necessário o cuidado com o texto e a transmissão sucinta das informações.

Para que se entenda a melhor forma de relatar cada tipo de pauta, é preciso compreender as tipologias do jornalismo. Enquanto há formatos de textos mais propícios para fatos urgentes, existem aqueles que permitem maior liberdade ao repórter. Nilson Lage (2005) difere a reportagem da notícia a partir da exposição das informações disponíveis. Enquanto matérias urgentes tratam do fato e de suas consequências, o relato detalhado pode originar histórias não imediatas e mais aprofundadas.

Pautas de reportagens são mais completas: reúnem as informações disponíveis sobre o tema ou evento e sugestões de tratamento editorial; fornecem sugestões quanto à

⁸ McCOMBS, Maxwell. *The agenda-setting role of the mass media in the shaping of public opinion*. Disponível em <http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/mccombs01.pdf>. Acesso em 14 de novembro de 2014. Sem data. Página. 8, tradução do autor.

sua abordagem e preveem até custos e prazos de produção. LAGE (2005, pp.140-141)

Outra boa definição comparativa de reportagem está em Chaparro (2008). O autor divide o gênero em cinco modalidades. A primeira, reportagem de acontecimento, é mais próxima da notícia e esgota um fato já consumado. Outro formato, de ação, indica a percepção ativa do repórter sobre o assunto. Em terceiro lugar, a reportagem de citações observa a pauta de acordo com visões e análises de outras pessoas, especialistas ou envolvidas. Há também a narrativa em seguimento, com apresentação em sequência cronológica dos acontecimentos. Por último, mais distante da notícia, a reportagem interpretativa, como a própria classificação do autor sugere, requer maior liberdade de análise por parte do autor do texto e da edição.

Assim, a urgência da pauta indica o tratamento textual que será dado. Notícias permanecem no modelo do *hard news*, ou seja, matérias rápidas cujo objetivo é deixar o leitor informado o mais rápido possível sobre um assunto novo e relevante. Em contraponto a esse tipo de produção jornalística, os autores norte-americanos Tom Wolfe conceituou o *new journalism* como o jornalismo capaz de contar histórias com trato similar ao da literatura ficcional, mas sem se afastar da realidade (WOLFE, 1973).

No *new journalism*, explica Wolfe, o repórter deve ter imersão na pauta que apura. Conversas com fontes podem torná-las partes da história a ser contada, como se fossem personagens de um conto fictício. Além de Wolfe, outros jornalistas norte-americanos das décadas de 1960 a 1980 são considerados precursores desse novo tipo de jornalismo, como Gay Talese e Truman Capote.

Textos escritos em forma de perfil ou mesmo de relatos em primeira pessoa transcendem a noção de jornalismo enquanto lide simples com o dever de responder “o quê”, “quem”, “onde”, “quando” e “como”. Tal modelo ainda é o utilizado em matérias *hard news*, já que respondem rapidamente ao interesse do leitor no determinado tema urgente.

A partir daí, tem-se a reportagem sobre assuntos não urgentes como possibilidade de construção de narrativas que fujam ao lide clássico do jornalismo. Sem a temporalidade que caracteriza o *hard news*, pautas oriundas de apurações detalhadas em determinados temas podem ser descritas de maneira a se tornar agradável ao leitor.

2.3.2 A revista

Definir o gênero jornalístico a se escrever também depende do formato no qual a produção será publicada. Da mesma forma, publicações impressas, online ou televisivas, necessitam de um público para quem se falará. Assim, conhecer as características dos veículos de comunicação auxilia grupos jornalísticos (de conglomerados a pequenos periódicos) a definir projetos editoriais e indicações de técnicas de apuração e de texto.

Por não depender da urgência que caracteriza a notícia, a reportagem tem um leque maior de opções de meios que a publiquem. A televisão e o rádio, por exemplo, podem reservar minutos para especiais em seus programas jornalísticos, que podem vir em série ou mesmo em documentários. Meios online contêm espaço infinito e a possibilidade do hipertexto, ou seja, uma webreportagem pode ser interligada por várias matérias de *hard news* publicadas sobre aquele mesmo assunto. Entre os impressos, o jornal tem periodicidade diária e, quando em formato *standard*, conta com páginas grandes o suficiente para conter boa quantidade de texto e imagem.

A revista, porém, aparece como meio de concentração das grandes reportagens no jornalismo. Primeiro, pelo formato, portátil, e pela independência de conexões a rede e de meios eletrônicos, o que a torna vantajosa em relação às páginas da internet.

Segundo, pela periodicidade. Sem a publicação diária, há mais tempo hábil para produção de reportagens com apuração mais detalhada e aprofundada nos temas. Não há, como cita Marília Scalzo (2003), a necessidade do urgente, o que abre espaço para o *new journalism*. Pautas podem ser pensadas segundo um calendário e com programação definida para saírem em circulação, enquanto, em jornais diários, a capa geralmente tem como manchete algum fato novo, ocorrido no dia anterior.

A própria história do formato revela como foi utilizada ao longo do tempo como suporte para relatos com maior presença de análise e observação do autor que a escreveu. O primeiro relato de revista editada surgiu na Alemanha do século XVII, quando o livro *Edificantes Discussões Mensais* era publicado com periodicidade a partir de 1663. A publicação é considerada o marco de início dos periódicos, uma vez que apresentava temas sobre teologia debatidos por autores em formato impresso a cada mês.

A literatura era o conteúdo principal nos primeiros periódicos em outros países da Europa, como Itália e Inglaterra. Posteriormente, informativos em papel, com periodicidade

datada ou não, se espalharam pelo mundo em estilo mais panfletário. Pouco antes da Revolução Francesa, revistas difundiam ideais iluministas com charges e textos jocosos com crítica ao Antigo Regime monarca no país.

No Brasil, a revista apareceu em 1812, quatro anos após a chegada da Corte Portuguesa no país e do início da Imprensa Régia, que editava os primeiros Diários Oficiais com circulação interna para os monarcas. *As Variedades ou Ensaios da Literatura*, de Salvador, tinha conteúdo diverso, com críticas sobre a elite da época, peças de literatura e textos científicos (SCALZO, 2003).

A partir da observação desse breve panorama sobre o início da revista no mundo, é possível falar que a periodicidade não diária e o formato eram favoráveis à produção de textos analíticos e charges opinativas. Isso se manteve no século XX, quando a opinião passou a dividir espaço com reportagens. Revistas de variedades surgiram no Brasil e no mundo a partir dos grupos de comunicação. Com estudos de definição de público e publicidade, semanários ganharam caráter comercial.

Destaca-se o periódico *O Cruzeiro* no pioneirismo da revista de variedades no Brasil e editada pelos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. A publicação circulou entre 1928 e 1975, segundo Baptista e Abreu (2010), apresentava um resumo dos principais assuntos da semana com textos apurados e generosa quantidade de fotografia. As autoras citam que a revista pode ser decifrada como “uma resenha do noticiário semanal nacional e internacional com muito material fotográfico, literatura, reportagens sobre locais exóticos e quase desconhecidos da fauna e flora nacionais, colunas que abordavam um grande espectro de assuntos”⁹.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, publicações semanais como a *Time* (fundada em 1923) e a *Newsweek* (fundada em 1933) se dedicavam à análise jornalística das principais informações, saindo um pouco das variedades que caracterizavam a revista até então e entrando num nicho mais próximo do *new journalism* – conceito que só surgiria 40 anos mais tarde, a partir do primor cada vez maior com a estética do texto e da apuração profunda do repórter. A Editora Abril trouxe a fórmula com a *Realidade* (1966-1976). O formato, inovador no país, permitia ao repórter maior conexão com a pauta, além de produção de imagens em

⁹ ABREU, Karen C. K.; BAPTISTA, Íria C. Q. A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial. 2010. Disponível em <<http://staticfiles.joaquimnabuco.edu.br/REC/20141/0197/60171NA/008800/dd2e8ddf25de3a.pdf>>. Acesso em 14 de novembro de 2014. Página 7.

estúdio para ilustrar a capa e ambientar o leitor com a pauta em questão. Um exemplo é a capa da primeira edição, anterior à Copa do Mundo na Inglaterra, em 1966, com o jogador Pelé portando um chapéu típico da guarda real daquele país.

Em 1969, entrava em circulação a *Veja*, também da Editora Abril, e que se tornaria a principal revista do país em número de assinaturas. Sempre com uma imagem principal de capa a partir de uma ilustração ou fotografia (de estúdio ou espontânea), o semanário se dedica a matérias analíticas sobre os principais fatos da semana e grandes reportagens sobre temas diversos, que podem ir de comportamento a política e economia. O formato foi seguido por outras publicações, a citar as principais: *Época*, da Editora Globo, e *IstoÉ*, da Editora Três.

Esse breve histórico da revista enquanto meio de comunicação mostra que o formato permitiu, desde o início, textos e páginas formuladas com primor no texto, na análise e na estética. Desde os tempos da discussão de literatura até o uso do *new journalism*, que exigiu mais técnica de apuração do repórter, a revista se caracterizou pela periodicidade propícia para a redação desse material mais analítico.

2.3.3 Revistas esportivas e edições especiais

A história da revista demonstrou a característica do meio em conter materiais com maior apuro estético e jornalístico, além de ser distribuída em espaço de tempo maior que um jornal. Grupos editoriais, como a Editora Abril, ganharam força no Brasil a partir da década de 1950 e utilizaram bem esse conhecimento do formato em revista para comercializar publicações a partir do interesse segmentado do público.

Para saber qual nicho do mercado ainda não foi explorado, editoras promovem pesquisas de público e mapeiam os interesses específicos de cada tipo de leitor. Dessa forma, além da comercialização em vantagem, o jornalista pode compreender melhor para quem ele escreve e aprofundar a apuração naquele assunto específico. Como cita Scalzo (2003), trata-se quem lê com mais proximidade e profundidade, enquanto o jornal diário dialoga com grupos bastante heterogêneos.

No Brasil, essa definição do público da revista apareceu ainda no século XIX, com *O Espelho Diamantino*, de 1827, seguido por *Correio das Modas* e *O Espelho das Brasileiras*. Eram, segundo Dulcília Buitoni (1986), publicações voltadas à literatura e moda. No século seguinte houve mais uma onda de periódicos femininos, dessa vez com grandes grupos

editoriais. A Abril iniciou no nicho em 1952 com a *Capricho*, inicialmente inclinada às fotonovelas antes de se tornar a principal publicação adolescente na década de 1980. Mais tarde, em 1961, a mesma editora publicou a primeira edição da *Cláudia*, com dicas de moda, beleza, profissão e relacionamentos.

Após essa primeira segmentação, que inclinou revistas ao público feminino, periódicos sobre ciência (*Superinteressante*, *Mundo Estranho*, *Galileu*), celebridades (*Caras*, *Ti-ti-ti*, *Minha Novela*) e economia (*Exame*, *IstoÉ Dinheiro*, *Época Negócios*), só para citar alguns dos temas jornalísticos.

No caso do esporte, dois nichos específicos foram mais explorados pelas empresas jornalísticas. Primeiro, o automobilismo, com a *Quatro Rodas*, de 1960 – como consequência da fase de industrialização que o Brasil vivia na década e as vendas cada vez maiores de veículos. Porém, é controverso classificar essa publicação (assim como a *Auto Esporte*, da Editora Globo) como esportiva, uma vez que a maior parte do conteúdo trata de dados sobre carros e comparações para compras.

Num segundo momento, em 1970, o futebol passou a ser abordado em revista com o início da *Placar*, da Editora Abril. Apesar de tratar de outras modalidades em algumas edições, o foco da publicação esteve sempre maior no futebol e na política do esporte. Contratações e caixas dos clubes estiveram na pauta da *Placar* em muitas edições, como primeiras reportagens a sair dos meros resultados esportivos.

Outros esportes, no entanto, mal são explorados no jornalismo de revista. A não ser em periódicos ainda mais segmentados, que circulam mais nos próprios meios de cada modalidade, como a *Saque Viagem*, publicação da Editora Circuito das Águas voltada ao vôlei.

A própria característica do esporte enquanto acontecimento em si explica o pequeno número de revistas esportivas. O jornalismo esportivo, voltado à narrativa de jogos, é mais urgente, da categoria do *hard news*. Transmissões ao vivo na televisão envelhecem matérias que possam sair no dia seguinte nos jornais, que já trarão matérias mais analisadas sobre o evento anterior. Dessa forma, a mera prática esportiva apenas não satisfaz os critérios de seleção de pautas que entram na revista.

Isso é diferente da abordagem dada pela revista em relação ao grande evento esportivo, como foi explicado nos capítulos anteriores. Apesar da exploração pequena do esporte como segmento de revista, principais periódicos de variedades e reportagem (*Veja*, *Época* e *IstoÉ*) incluem na pauta competições relevantes como Copa do Mundo de futebol, Jogos Pan-Americanos e Olímpicos.

A cobertura de grandes eventos nas revistas brasileiras de variedades refletem a relevância desses acontecimentos sobre política e economia. Um exemplo é a capa da *Veja* na edição de 23 de julho de 1980¹⁰, publicada na mesma semana da abertura dos Jogos Olímpicos de Moscou – marcados pelo boicote liderado pelos Estados Unidos, como citado no capítulo 2. Na primeira página, uma ilustração do presidente da União Soviética, Leonid Brezhnev, tentando erguer um halter com bandeira de outros países. A reportagem tratava do desafio da URSS em organizar a competição que não teria a presença de uma das maiores potências olímpicas. Naquela época, o país vivia fraco momento econômico e começavam a aparecer casos de corrupção no governo, ainda que encobertos pela censura do Partido Comunista.

Os anos 1990 deram maior visibilidade aos grandes eventos esportivos com o crescimento da televisão por assinatura. Canais pagos como *Sportv* e *ESPN* oferecem esporte em toda a grade de programação, o que permite cobertura intensiva dessas competições – coisa que emissoras abertas não faziam por choque de horário com outras atrações.

Em 1994, a *Veja* organizou uma edição especial – denominada *Guia da Copa* – para o Mundial de Futebol que ocorreria em junho daquele ano, com dados sobre as equipes, os Estados Unidos (país sede) e com indicações da programação televisiva. Com a vitória do Brasil no torneio, outra edição sobre os bastidores da conquista circulou após o fim da competição.

Guias anteriores ao grande evento esportivo, com pautas de fato esportivas sobre as equipes participantes e com reportagens sobre a organização se tornaram praxe entre as revistas de variedade. A *Veja* incluiu edições do tipo em todos os Jogos Olímpicos e Copas do Mundo a partir das Olimpíadas de Atlanta, em 1996.

Já a *IstoÉ* iniciou em 2010 a publicação da *IstoÉ 2016*, voltada exclusivamente aos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Diferentemente dos guias imediatamente anteriores ao

¹⁰ A matéria de capa em questão terá um trecho mostrado no *corpus* presente nos anexos deste memorial.

evento, essa publicação se caracteriza por pautas sobre as preparações dos atletas e da cidade para a competição.

Voltando às publicações segmentadas, a *Placar* publica guias antes das mais importantes competições de futebol a cada ano. Campeonatos nacionais e continentais entre clubes ganham edições especiais, mas, como esses eventos não têm sede fixa e acontecem durante boa parte do ano, não há pautas fora da mera análise esportiva.

Algo que muda quando se trata de guias sobre a Copa do Mundo e as Olimpíadas (uma das poucas vezes que a *Placar* sai do futebol). A revista da Editora Abril, assim como a parceira *Veja*, publica textos sobre a organização do evento e o país onde a competição será realizada.

Tais exemplos demonstram como o grande evento esportivo é mais atraente enquanto fonte de pautas para a revista do que a própria disputa do esporte. Enquanto resultados e crônicas sobre as partidas cabem mais em páginas de jornais diários voltadas a esse tipo de jornalismo, os efeitos da organização dos torneios entram não só em revistas segmentadas, mas principalmente em periódicos sobre variedades. Publicações essas que encontram no evento assuntos de editorias diferentes do esporte, como política, economia, cotidiano e cultura.

3. Construção do produto

3.1 As inspirações

Nunca fui o maior fã de futebol. Até gostava e gosto até hoje, mas quem me perguntar detalhes sobre os clubes pode acabar recebendo um “não sei” como resposta. Mas estádios, torcidas, bandeiras e escudos sempre estiveram no meu interesse. Que ficou maior quando, aos cinco anos, assisti à Copa do Mundo pela primeira vez. Foi em 1998, na França, quando o Brasil disputava o quinto título mundial.

Eu tinha, e guardo até hoje, o álbum de figurinhas daquele Mundial. Cada página, um país diferente. Decorei todas as bandeiras, mesmo de nações sobre as quais nenhuma criança conheceria. Nomes como Dinamarca, Iugoslávia, Tunísia e Camarões – curiosíssimos para um menino do Jardim II – entraram no meu vocabulário.

Pouco me importava quem era Ronaldo (ainda “inho”, já que o outro, gaúcho, não aparecera) e sequer sabia da bola fora de Roberto Baggio quatro anos antes. Gostava de ver na televisão as matérias sobre a França e os outros participantes. Como se pronuncia Bordeaux? Por que a Torre Eiffel tem forma de “A”? Por que a Holanda joga de laranja se sua bandeira não contém essa cor?

Outra coisa que me chamou a atenção naquela época de Copa foi a mobilização da família e da escola em torno de um evento esportivo. Por que não tinha aula em dias de jogos do Brasil? Por que isso não acontecia em outros campeonatos? O que havia de tão importante nessas partidas?

Com o tempo, entendi finalmente o significado daquilo. Trata-se de algo que não ocorre todos os dias. Não é como o Brasileirão ou Copa Libertadores, que se arrastam o ano inteiro. Cada edição, um lugar diferente. Foi assim em 2000, quando queria acordar cedo para assistir às Olimpíadas de Sidney não por causa dos jogos, mas porque “vai demorar muito para ter outra”. De novo, todos os programas de televisão e revistas que lia – mesmo as infantis – falavam da competição e das curiosidades sobre a Austrália.

Isso se seguiu pelos anos posteriores. Acompanho, desde a Copa 1998, todas as edições de Jogos Olímpicos, Copa do Mundo e mesmo eventos continentais como os Jogos Pan-Americanos, a Euro e a Copa América. Tudo bem que eles não mobilizavam tanto o

público como as duas competições maiores, mas ainda assim só ocorriam de quatro em quatro anos, por apenas algumas semanas e em uma sede móvel a cada edição.

Em duas oportunidades na adolescência eu pude acompanhar *in loco* essas competições. Primeiro, em 2007, nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro. Por ser no Brasil, a imprensa anunciava o evento desde o fim edição anterior, em 2003, com reportagens especiais e notícias sobre a organização em veículos impressos, audiovisuais e online. Perto da abertura, o assunto era o Pan – e se o país teria condições de sediar uma boa competição.

Lotada de turistas – principalmente de outras partes do Brasil – a Cidade Maravilhosa se transformou para os Jogos. Talvez a infraestrutura estivesse aquém do ideal para um evento do naipe, com trânsito caótico, demora de ônibus e estruturas temporárias falhas. Como o Estádio de Beisebol, cuja cobertura cedeu com fortes rajadas de vento, o que acabou por cancelar a final do softball. Outros problemas anunciados, como a falta de segurança pública, não chegaram a assustar os visitantes.

Percebi, mais uma vez, que nem tudo no noticiário sobre o Pan tratava das competições e dos medalhistas. Até a política nacional foi pautada pelos Jogos, como no episódio das vaias na cerimônia de abertura ao então presidente Luís Inácio Lula da Silva, reeleito ao Planalto menos de um ano antes. Durante os jogos, o Brasil ainda viveu um dos piores acidentes aéreos da história – o choque do avião da TAM sobre um prédio comercial próximo ao aeroporto de Congonhas, que matou 199 pessoas. Bandeiras na Vila Pan-Americana apareceram a meio mastro no dia seguinte e mensagens de luto por parte de atletas também tomaram as páginas dos jornais.

O Pan do Rio ocorreu a três meses da decisão da Fifa que deu ao Brasil o direito de sediar a Copa do Mundo em 2014. Concorrer aos Jogos Olímpicos em 2016 ainda era uma hipótese ventilada e pessimista, já que o Rio de Janeiro perdera dois anos antes as eleições para as Olimpíadas de 2012 ainda na primeira rodada de avaliações.

Acabou que a capital fluminense participou da corrida pelas Olimpíadas de 2016. Um ano depois do Pan, o Comitê Olímpico Internacional variou entre críticas e elogios à organização brasileira no evento continental, mas decidiu que a cidade estaria na votação final. Na concorrência, metrópoles de países desenvolvidos e com maior tradição em grandes eventos esportivos: Chicago (Estados Unidos), Tóquio (Japão) e Madri (Espanha).

Com o Brasil como sede da Copa do Mundo e das Olimpíadas em anos posteriores, a imprensa publicava (e ainda publica) reportagens sobre obras, custos, orçamentos, segurança e características da sede. Esse tipo de conteúdo jornalístico, que antes aparecia durante a cobertura da competição a poucos dias ou com ela em andamento, misturou-se ao noticiário ordinário político e econômico brasileiro. Até com certo ar de pessimismo.

Havia a dúvida se uma nação com desigualdade gritante sem infraestrutura urbana de qualidade mesmo nas maiores cidades poderia organizar um grande evento esportivo do porte de uma Copa do Mundo ou dos Jogos Olímpicos. Esses questionamentos – principalmente por parte da imprensa brasileira, acontecia mesmo na virada de 2009 para 2010, quando o Brasil atravessava sem grandes consequências a crise econômica mundial e aparecia na capa da *The Economist* como país em plena ascensão na icônica imagem do Cristo Redentor decolando como se fosse um foguete.

Dúvidas desse tipo não apareceram no segundo grande evento esportivo ao qual assisti pessoalmente, logo após a escolha do Rio como sede em 2016. Fui às Olimpíadas de Inverno de Vancouver, em fevereiro de 2010, presente por ter passado no vestibular. A cidade do oeste canadense é considerada uma das melhores do mundo para se viver segundo rankings de organizações de qualidade de vida e publicações sobre cidades.

Mesmo à distância, pude observar que aquela edição dos Jogos Olímpicos de Inverno foi a primeira a atrair atenção do público brasileiro – muito pela cobertura televisiva da Rede Record, que transmitiu algumas das competições na íntegra. Em anos anteriores, apenas canais fechados como Sportv exibiam os eventos.

Havia o componente de curiosidade nesses jogos. Mais que levar o público a escolher uma equipe de curling para torcer, a imprensa no Brasil mostrava explicações sobre modalidades até então pouco conhecidas do brasileiro. Além disso, Vancouver tinha características exibidas pelos meios – como a maciça presença de imigrantes orientais ou os enormes parques da cidade.

Além das Olimpíadas de Inverno, 2010 foi o ano da última Copa do Mundo antes da edição brasileira. Assim, o fim do torneio na África do Sul marcou o início da contagem regressiva para o Mundial do Brasil. Havia fatores em comum entre os dois países. A nação africana, também emergente, teve de driblar a desconfiança em relação à segurança pública e

aeroportos. Estádios para mais de 40 mil torcedores, como em Polokwane e Nelspruit, também sofreram com críticas por estarem em cidades sem tradição no futebol.

Ainda na corrente do bom momento econômico, o Brasil passou em 2010 por eleições presidenciais. Venceu a candidata do governo em situação, Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores. Em Brasília, Agnelo Queiroz, também do PT, era o primeiro a derrotar a família de Joaquim Roriz no pleito para o Governo do Distrito Federal (GDF). A organização da Copa do Mundo, quatro anos depois, deveria fazer parte do plano de governo dos dois eleitos.

Brasília, inclusive, disputava com São Paulo, Belo Horizonte e Salvador o direito de sediar a abertura da competição. Porém, enquanto as quatro cidades tinham times na primeira divisão do Campeonato Brasileiro, nenhuma equipe da capital do Brasil estava sequer na Série B. Mesmo assim, o GDF planejava construir o Estádio Nacional de Brasília com capacidade para 71 mil torcedores (o segundo maior da Copa). Número estratosférico perto da média de público do Campeonato Candango, que não passa de 1 mil pessoas por jogo.

À medida que o torneio se aproximava, assuntos relativos à Copa do Mundo eram abordados pelos meios de comunicação. Aumento nos custos das obras, planejamentos não entregues – como a construção do Veículo Leve Sobre Trilhos (VLT) em Brasília – e concessão de aeroportos para que reformas ficassem prontas a tempo da competição foram pautas que apareceram ao longo dos anos de 2011 e 2012.

Pelo menos seis estádios, ainda, deveriam ficar prontos mais cedo, ainda no começo de 2013. Naquele ano, o Brasil seria sede da Copa das Confederações, principal evento teste da Fifa para o Mundial. O campeão ou o vice de cada continente, além da Espanha – campeã do mundo em 2010 – e do país sede, participaram do evento. Brasília, Belo Horizonte, Fortaleza, Recife, Salvador e Rio de Janeiro receberiam a competição.

Foi justamente na Copa das Confederações que surgiu uma das primeiras ideias de produzir este trabalho. Pouco antes do evento, participei do 1º Curso Estado de Jornalismo Esportivo, em São Paulo. As duas semanas de aulas na redação do jornal *O Estado de S. Paulo* ensinaram técnicas de cobertura justamente sobre o entorno da competição esportiva. Editores insistiam que, hoje, não basta ao jornalista esportivo redigir apenas crônicas dos jogos. É preciso entender, mesmo em torneios menores, o contexto. O que ocorre nos

arredores do estádio, a movimentação da torcida, a presença de ilustres e os reflexos nas redes sociais.

Eram 24 estudantes de jornalismo participantes e, dali, 13 seriam selecionados para fazer a cobertura do entorno da Copa das Confederações nas seis cidades sede e em São Paulo, sede do jornal. Para Brasília, fui selecionado junto ao meu colega e amigo João Bosco Lacerda, à época também na UnB. Entre 6 de junho e 7 de julho de 2013, escrevemos matérias e reportagens para o portal do *Estadão*.

O público era diferente do brasiliense, logo, eu deveria explicar detalhes sobre a cidade que leitores de outros estados desconheciam, como a lógica das superquadras e localização dos bairros e regiões administrativas. A cobertura teria um desafio a mais: Brasília só era sede da partida de abertura da Copa das Confederações, em 15 de junho, no jogo Brasil x Japão. Logo, deveríamos encontrar pautas nos outros dias relativas à preparação para o Mundial de 2014 e das reverberações do torneio que acontecera.

Antes da abertura, produzimos pautas sobre a presença de turistas para o jogo e sobre a colônia de japoneses na cidade – em Vargem Bonita, núcleo rural de descendentes nipônicos nas proximidades do Park Way. O que não contávamos, porém, era com as manifestações que tomariam o país durante o evento.

Na semana que antecedeu a abertura da Copa das Confederações, manifestações lideradas pelo Movimento Passe Livre protestavam em São Paulo contra o aumento no preço das passagens de ônibus. Por fecharem a Avenida Paulista, uma das mais movimentadas da cidade, a imprensa se posicionou crítica aos protestos.

Porém, reações truculentas da Polícia Militar – que chegaram a ferir repórteres – tomaram o noticiário internacional. Movimentos em outras cidades, em solidariedade, também questionavam governos locais sobre preços das passagens e desapropriações, principalmente. Um dos ápices se deu nos momentos que antecederiam a abertura da Copa das Confederações, em Brasília. Manifestantes se reuniram ao redor do Estádio Nacional Mané Garrincha para protestar contra gastos com a Copa do Mundo – a construção da arena em Brasília custou, segundo o Tribunal de Contas do Distrito Federal, R\$ 1,6 bilhão.

Com os holofotes voltados à capital do país naquele dia e relatos de agressões a repórteres e manifestantes pacíficos, a imprensa deu mais visibilidade a esses movimentos, que, no dia 17 de junho de 2013, centenas de milhares foram às ruas por todo o Brasil. Pautas

já não tratavam apenas de questões iniciais. Fim da corrupção e até mesmo o cancelamento da Copa do Mundo com devolução do dinheiro gasto entraram nos gritos de guerra – de parte dos manifestantes, que ficaram caracterizados pela falta de unidade. A presidenta da República, Dilma Rousseff, passou a ser alvo das críticas e viu a popularidade despencar por quase a metade durante os protestos.

Por isso, nossa cobertura no *Estadão* precisou abordar esse clima de insatisfação. A partida em Brasília já passara, logo, a cobertura deveria ser centrada no cenário político entorno das copas das Confederações e do Mundo. Protestos nos horários das partidas e reflexões do público brasileiro sobre o fato de o Brasil ser sede das competições entraram na pauta.

Porém, não apenas as reações políticas guiaram nossa apuração. Como capital do Brasil, Brasília é sede das embaixadas de diversos países, o que nos levou também a acompanhar o cotidiano dos estrangeiros – de nações participantes – durante o torneio. Apresentar o Gama, cidade sede dos treinos da equipe japonesa, também entrou na pauta pela necessidade de mostrar ao público não brasileiro características do local – visto ainda com muito preconceito por quem não conhece e pensa que cidades-satélites são paupérrimas.

A microeconomia no Distrito Federal também foi abordada. Pautas sobre vendas na Feira da Torre e no aeroporto nos dias próximos ao jogo em Brasília e projeções de taxistas e rede hoteleira para o Mundial que começaria um ano depois estiveram no nosso foco.

Foi aí a primeira vez que pratiquei a cobertura jornalística de entorno que tanto acompanhava como leitor/espectador. Já na reta final do curso de jornalismo na UnB, percebi, em conversas informais com professores e leituras de artigos, que o assunto da grande cobertura de evento esportivo tinha produção acadêmica relativamente recente. No Brasil, poucos livros sobre o tema, abordado principalmente em *papers* e artigos defendidos em congressos. Seria a oportunidade, portanto, para produzir material acadêmico sobre o jornalismo sobre os efeitos de um evento esportivo no cotidiano de um país.

3.2 Planos iniciais e definições do projeto

Dizia o professor Pedro Russi, nas aulas de métodos e técnicas de pesquisa em comunicação, que um erro comum aos alunos era esperar o oitavo semestre para decidir o tema do projeto final. Nas aulas, ele sempre dizia que, monografias ou produtos, deveriam ser

pensadas com base nas pesquisas feitas durante o curso e com ideias sobre um assunto do qual se gosta e tem interesse.

Já era de meu interesse aproveitar a Copa do Mundo – oportunidade única para acompanhar *in loco* o evento – para escrever meu projeto final. Entrei em 2010 na UnB, o que inviabilizaria meus planos caso me formasse em oito semestres. Então, decidi fazer em dez períodos, o que me daria tempo a mais para pensar no trabalho de conclusão de curso e fazer intercâmbio – passei o segundo semestre de 2013 em Lyon, na França, onde estudei matérias sobre a imprensa francesa e europeia e análise do discurso.

Foi num café em Lyon que transcrevi pela primeira vez e esquematizei minhas ideias para o trabalho. Com base naquilo que sempre acompanhei sobre os impactos dos eventos esportivos, além da minha cobertura especial para o *Estadão* na Copa das Confederações, produziria uma série de matérias a respeito do Mundial de 2014, no Brasil.

A princípio, seria um portal – tal qual eu trabalhei no *Estadão*, com matérias em *hard news*. A ideia primária era construir um site para colocar textos sobre o que aconteceria em política, economia, cultura e cotidiano por influência da Copa do Mundo antes, durante e depois da competição.

Tal ideia foi descartada ainda nessa reflexão informal, no segundo semestre de 2013. Eu só voltaria ao Brasil no fim de fevereiro do ano seguinte, e teria de cursar outras disciplinas, o que inviabilizaria começar os trabalhos práticos antes do início da Copa. Além disso, o produto envelheceria até a data da banca, que deveria ser, no mínimo, no segundo período de 2014 – não poderia antecipar, uma vez que ainda não cursara disciplinas obrigatórias como pré-projeto experimental em jornalismo.

Em qual outro formato eu poderia explorar a cobertura de entorno, sem que o material jornalístico envelhecesse tanto e permitisse a mim tempo hábil para produzir e fazer as pesquisas acadêmicas? *Hard news* já seria descartado, pois, para que eu fizesse esse tipo de jornalismo, o leitor precisaria acompanhar durante a Copa do Mundo.

Descartei, então, o jornal impresso e o portal web, dadas as características urgentes dos dois meios. Sobraram a revista, o webdocumentário, e séries de reportagem em televisão ou rádio. O critério de escolha do formato levou em conta meu domínio técnico. Nenhum de meus estágios profissionais foi em meios audiovisuais e tenho preferência pelo texto escrito.

Além disso, criar portais para hospedar webdocumentários demandaria conhecimentos de programação e ilustração os quais não tenho ou conheço poucos que poderiam me auxiliar.

A revista, então, apareceu como melhor solução. Não sei diagramar bem, mas muitos de meus amigos da Faculdade de Comunicação o conseguiriam tranquilamente. A partir dessa definição, precisava estudar o porquê de o formato servir – e se serviria – para o tipo de cobertura que eu propus.

Já havia decidido trocar o *hard news* pela grande reportagem, com pautas não quentes e mais analíticas no conteúdo. Passei, em 2013, pela revista *Campus Repórter*. A publicação é um laboratório de reportagens especiais da Universidade de Brasília, e conta com textos sobre temas diversos com apuração e diagramação mais aprimoradas do que matérias publicadas em outros meios.

A pauta na *Campus Repórter* tem o compromisso de ser relevante ao mesmo tempo em que deve ter a possibilidade de ser lida a qualquer momento, sem que envelheça. Nesse molde, produzi uma reportagem sobre o afastado bairro de Marsilac, em São Paulo, um distrito dentro do perímetro municipal da capital paulista, mas que guarda rotina e cenário típicos de cidade do interior.

Esse, então, seria o desafio da revista. Cobrir o entorno da Copa do Mundo de 2014 de maneira que a publicação não ficasse velha até o momento que chegasse às mãos do leitor ou da banca examinadora, no fim do ano. Por isso, a seleção das pautas passaria por critérios em relação à contextualização dos assuntos na realidade política e econômica do Brasil na época do evento e pelas consequências diretas ou indiretas da organização do Mundial nos diversos setores da sociedade brasileira.

Com base nisso, foram apresentadas as primeiras diretrizes da cobertura na Copa do Mundo ainda durante a disciplina de pré-projeto final em jornalismo, ministrada pela professora Dione Moura no primeiro semestre de 2014. Elas projetavam a revista ainda na fase de planejamento e diagnóstico, antes da redação de um projeto editorial. São elas:

- **Pautas deveriam abranger diversos assuntos, mas sem dividi-los por editorias.**

A Copa do Mundo, evento essencialmente esportivo, seria abordada em textos sobre política, economia, cotidiano e cultura. Não se trata de dividir em editorias,

mas em guiar a cobertura segundo temas maiores, que poderiam estar presentes ao mesmo tempo na reportagem.

- **A abrangência da cobertura deveria ser nacional, em todas as regiões.** Uma equipe deveria ser encontrada para participar da cobertura e diversificar o conteúdo da revista. Não era a intenção criar um produto essencialmente relativo a Brasília (ainda que fosse possível), já que o evento tinha impacto significativo em todo o país.
- **Início da apuração antes da Copa, a continuar depois do torneio.** Isso poderia ajudar no diagnóstico dos assuntos a serem pautados e forneceriam material para análise de todo o contexto do evento. Pesquisas posteriores ao evento trariam balanço final dos efeitos da Copa do Mundo na sociedade brasileira.
- **Conteúdo viria antes da definição sobre o público.** Como já faltavam poucos meses para o início da Copa do Mundo e o objetivo do projeto estava na pesquisa sobre as possibilidades do grande evento pautar a imprensa sobre assuntos além do esporte para que, então, fosse produzida essa cobertura, análises mercadológicas e de público ganhariam caráter secundário.
- **Foco da revista como um panorama final.** Dada a característica da revista como produto acadêmico, além das pautas de balanço e análise, a regra era que a publicação serviria como uma retrospectiva dos efeitos da Copa do Mundo nas diversas áreas. Isso precisaria estar definido de forma clara no projeto editorial.
- **Apesar de repórteres em outras praças, pautas gerais.** As reportagens deveriam ser relevantes para todo o país-sede, não apenas para cada cidade individualmente. Os temas deveriam ser abordados no maior número possível de estados brasileiros, mas com personagens e fontes de locais diferentes a cada texto para diversificar o mapa das apurações.
- **Imagens, de fotografia ou ilustrações, e diagramação seriam coordenadas por um responsável com domínio técnico.** Novamente, estava nos planos contar com uma equipe com bons conhecimentos sobre edição de imagens e de texto em

revista. Já em vista uma possível falta de material humano, outros repórteres teriam autonomia para fazer imagens, que passariam pelo crivo de um editor especializado.

Também foi nesse início primário que decidi o nome da revista: TOTAL, escolhido por colegas em votação informal entre outros nomes. Seguem as explicações dos possíveis títulos e eventuais críticas:

TOTAL (vencedor): ideia de cobrir tudo o que cerca o grande evento esportivo, justamente porque esse acontecimento incide sobre todas as outras áreas da sociedade. Nome curto, de simples assimilação para o leitor, mas que pouco deixa claro sobre o quê a revista trata para quem não a conhece.

Entorno: mais claro, simples e austero, já que logo no nome a revista diz sobre o que trata. O problema é que, em Brasília, a palavra “entorno” se refere à região de Goiás e Minas Gerais ao redor do Distrito Federal, alvo de abordagem da mídia local pelas cidades-dormitório da capital do país e de problemas sociais e de criminalidade.

Sede: Outro nome simples e que indica o motivo de a revista existir. Porém, a palavra pode ser lida com a primeira vogal grave (“*sêde*”), o que indicaria vontade de beber. As variantes “Cidade Sede” ou “País Sede” foram pensadas, mas descartadas por se tratar de nome duplo e não eliminariam a confusão com a leitura da palavra sede.

Quinta linha: Referência à expressão “fora das quatro linhas”, que designa algo relativo ao futebol, mas fora do campo – limitado em forma retangular. Dois problemas: título grande e o notório duplo sentido com “produto de quinta linha”, dito popular para dizer que algo é de má qualidade.

Escolhido o nome e traçadas as diretrizes primárias, foram selecionados outros estudantes de jornalismo nos estados do Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, além de um colaborador em Portugal para ajudar em possíveis abordagens internacionais. Foi escolhido também o pessoal de diagramação e fotografia e reportagem que ficaria alocado em Brasília – de onde seria possível auxiliar em diversas apurações relativas a dados e opiniões oficiais, mesmo sobre pautas de outras localidades.

O processo de escolha foi simples e ocorreu em abril. Seria um trabalho voluntário, e os colaboradores foram selecionados a partir de pesquisa em grupos de universidades no

Facebook e de conhecidos pessoais nesses lugares. As primeiras apurações estavam marcadas para ocorrer em maio. Até um mês após o fim da Copa, a revista deveria estar pronta para ir à gráfica e ser distribuída.

Logo após definições primárias da revista, porém, o propósito da publicação foi reavaliado. Durante as discussões em sala da disciplina de pré-projeto, foram levantadas questões acadêmicas e problematizações da TOTAL enquanto produto pronto. Uma publicação por si só, apenas escrita e diagramada, poderia resultar num trabalho tecnicista e pouco propositivo. Afinal, a Copa do Mundo de 2014, no Brasil, seria singular – nem os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, teriam essa singularidade.

Vale ressaltar que, apesar de eventos esportivos de grande porte serem únicos – como visto no referencial teórico –, o Mundial no Brasil teria uma grandiosidade ainda maior. Trata-se de uma competição de futebol, esporte preferido do público brasileiro, sediada no mesmo local onde a publicação seria produzida. Assim, as reportagens que poderiam ser produzidas não serviriam de parâmetro para edições futuras. A razão de ser de um produto acadêmico, dessa forma, seria enfraquecida – afinal, uma edição pronta da TOTAL acabaria por se tornar um mero compilado de reportagens de entorno, com pouca problematização sobre o tema e diante de um diagnóstico muito específico, não geral, sem análise das grandes competições esportivas como um todo.

Por isso, o propósito da TOTAL enquanto produto acadêmico foi novamente pensado. Não valeria apenas criar um produto justificado por si só, pela própria existência, mas algo propositivo, que indicasse caminhos para coberturas esportivas de entorno. Era preciso organizar um trabalho que respondesse às seguintes inquietações:

- Como uma cobertura de grande evento esportivo deve ser norteada?
- Onde o repórter pode encontrar pautas sobre a influência do torneio na sede e no público?
- Abordadas no formato reportagem, quais são as indicações de apuração, texto e imagem para que a atmosfera ao redor da competição seja transmitida de forma mais clara possível a quem lê?
- Quais são os desafios técnicos de se produzir uma publicação específica sobre o tema?

Essas perguntas seriam respondidas com base na leitura de textos acadêmicos que já vinham sido pesquisados, e da observação do tratamento dos meios de comunicação em

eventos esportivos diversos. Assim, decidiu-se manter a TOTAL como produto, mas não mais como revista pronta, fechada, terminada. Em vez disso, um projeto editorial, formulado com base nesses estudos sobre jornalismo e grande evento esportivo.

Não valeria apenas redigir um guia ou manual, como chegou a ser pensado. Tais formatos dão indicações de texto e apuração, mas poderiam cair na falta de parâmetro. Deveria haver um direcionamento, que levaria em consideração o público leitor e o tipo de publicação.

Pelo que fora observado na fase de escolha do formato, a revista se manteve como foco da TOTAL. Afinal, tal meio se mostrara como o que mais favorecia a produção de reportagens de entorno em grandes eventos esportivos pela portabilidade – tal qual um livro – e a capacidade de comportar textos maiores e analíticos, como mostrado pela própria história da revista como formato de jornalismo.

Mesmo assim, seria preciso ter um olhar sobre a Copa do Mundo de 2014, para onde a atenção foi deslocada para reflexões sobre como o evento no Brasil agiu em setores políticos, culturais, sociais e econômicos. Isso seria feito com leitura atenta aos meios de comunicação antes, durante e logo depois do torneio, além de idas a campo para verificar *in loco* as reações à competição.

3.3 Copa do Mundo de 2014

Antes mesmo de as seleções de Brasil e Croácia estrearem a competição, meios de comunicação já bombardeavam reportagens sobre o Mundial. Na verdade, isso teve início ainda no processo de escolha do país como sede, em outubro de 2007, mas, para efeitos de pesquisa, a leitura mais atenta teve início um mês antes da abertura, promovida em 12 de junho.

O estudo da Copa do Mundo de 2014 se dividiu em duas partes para este trabalho. Uma delas consistia na reflexão a partir de textos em diversos meios – não só em revista – para que houvesse a distinção de reportagem de entorno e matérias relativas aos jogos em si. A outra parte era a minha presença em campo, para visualizar a magnitude do torneio em relação ao que era pesquisado.

A leitura dos meios de comunicação seguiu a procura pelos textos de outras editorias que tivessem algo a ver com a Copa do Mundo de 2014, nos mais diversos veículos. Online,

como *UOL*, *globo.com*, *Terra*, *estadão.com*, *Folha Online* e *Brasil Post*; jornais impressos, como *Correio Braziliense*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* e, enfim, revistas, da segmentada *Placar* às gerais *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *Carta Capital*. Reportagens de televisão também foram levadas em conta.

Exemplos de matérias jornalísticas analisadas nos diversos meios serão apresentados no anexo deste trabalho, como um *corpus* de análise.

Até o início da Copa do Mundo, boa parte das reportagens tratava do medo de parte da população e da própria Fifa em relação às manifestações. Tais protestos, numerosos em participantes no ano anterior, ficaram esvaziados a partir de casos de violência entre ativistas e policiais. O destaque negativo aos movimentos ficaram ainda mais evidentes após a morte do cinegrafista Santiago Andrade, da Rede Bandeirantes, atingido por um foguete lançado por um manifestante em passeata no Rio de Janeiro, em fevereiro daquele ano.

Mesmo assim, tanto o noticiário internacional quanto o brasileiro viam com temor a falta de entusiasmo no Brasil com a Copa do Mundo. Nas redes sociais, a *hashtag* #nãoovaitercopa aparecia acompanhada de notícias sobre o evento – tanto de entorno quanto sobre as competições em si.

Um dos momentos mais tensos ocorreu a poucas semanas da abertura, em 28 de maio, quando a taça da Copa do Mundo estava exposta em evento próximo ao Estádio Nacional Mané Garrincha. Protestos na entrada atingiram tal nível de violência, a partir de tentativas de se invadir a tenda onde o artefato se encontrava e reações truculentas da polícia, que a exposição acabou suspensa¹¹.

No dia da abertura, 12 de junho, mais manifestações, dessa vez ao redor da Arena Corinthians (Itaqueroão), estádio onde ocorreu a partida inicial do torneio. Horas antes de Brasil e Croácia se enfrentarem, confrontos entre manifestantes e policiais chegaram a ferir repórteres que lá estavam para a cobertura do evento. Duas jornalistas da rede americana de

¹¹ LEAL, Aline. Visita à Taça da Copa do Mundo é suspensa por causa de protesto. Agência Brasil. 27 de maio de 2014. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-05/visita-a-taca-da-copa-do-mundo-e-suspensa-por-causa-de-protesto>>. Acesso em 20 de outubro de 2014.

notícias *CNN* foram atingidas por estilhaços de bombas de efeito moral e ficaram levemente feridas¹².

Durante a Copa do Mundo, porém, as manifestações se arrefeceram. Ruas demoraram a aparecer pintadas em verde-amarelo como ocorria costumeiramente em Mundiais anteriores. Mesmo assim, enfeites ficaram mais evidentes com a aproximação do evento. A sensação de receio de muitas pessoas foi trocada, aos poucos, pela festa esperada em uma competição do tipo.

Na mesma semana da abertura, conversei com o lavador de carros Ednaldo Conceição, que trabalha na CLS 203/204, na Asa Sul, em Brasília. Ele é o principal agitador das celebrações na quadra a cada quatro anos. A rua da comercial fica enfeitada com bandeirolas e pinturas em verde-amarelo desde 2006. Nas duas edições anteriores ao Mundial do Brasil, vistosos enfeites com bandeirinhas penduradas entre um bloco e outro chegavam a fazer sombra na rua.

Ele contou, porém, que não havia ânimo para arrumar a quadra em 2014. Os lojistas do endereço mal se comprometeram a ajudar. A alegação era o medo de que manifestantes destruíssem os enfeites durante a Copa do Mundo. Apesar de a decoração ter aparecido, a quantidade de bandeiras era bem menor, e os raios do sol forte de junho em Brasília ultrapassavam facilmente a “cortina” montada entre os blocos.

Dá para notar que o futebol, em si, não era o maior dos assuntos quando se falava na Copa do Mundo de 2014. Pelo menos até o apito inicial, a atmosfera no Brasil em relação ao evento era de temor. Medo das manifestações e de a infraestrutura – que já seria bem aquém da prometida – não comportar a quantidade de turistas que chegavam ao país para o torneio.

Com o início da competição, o futebol voltou ao centro das atenções. Logo no primeiro dia, discussões sobre o gol contra do defensor Marcelo e dos erros do árbitro japonês Yuichi Nishimura no jogo entre Brasil e Croácia apareceram nas rodas de conversa. A alta média de gols nas primeiras rodadas – próxima aos três gols por partida, um recorde no atual formato do evento – levaram pessoas a adotarem o slogan “Copa das Copas”, proposto pelo Governo Federal, como uma brincadeira com o bom nível técnico do torneio.

¹² UOL. Jornalistas da CNN são atingidas por bomba e sofrem ferimento em protesto. UOL Copa do Mundo. 12 de junho de 2014. Disponível em <<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/12/jornalista-da-cnn-e-atingida-por-bomba-e-sofre-ferimentos-em-protesto.htm>>. Acesso em 20 de outubro de 2014.

Mesmo assim, assuntos relativos a questões fora do campo de futebol apareciam nas conversas do público e nos meios de comunicação. Matérias em *hard news* davam informações sobre o trânsito nas cidades sede, tráfego nos aeroportos, repercussões na política, apenas para citar algumas pautas. Reportagens menos urgentes tratavam da presença dos turistas, a empatia dos estrangeiros com brasileiros em festas e comemorações, e mesmo o lado dos “excluídos” da Copa do Mundo, como as pessoas sem acesso aos ingressos encaravam a competição.

Em Brasília, acompanhei de perto a reação dos torcedores após as partidas. A Feira da Torre de TV lotava todos os dias de jogos, com comemorações dos vitoriosos. Era raro ver tanta gente reunida naquele local, e as lanchonetes na praça de alimentação apresentavam longas filas com gente de diversos continentes. Menus em inglês e brasileiros prestativos – ou interessados – ajudavam lojistas e turistas na comunicação.

Ao redor de hotéis, prostitutas buscavam clientes estrangeiros. O turismo sexual, inclusive, apareceu como pauta, pois havia a preocupação por parte de movimentos sociais e do governo em relação à exploração sexual de menores de idade. Além disso, a venda estereotipada do corpo da brasileira pelos meios de comunicação também foi alvo de críticas.

Esses exemplos saem do campo da cobertura sobre a organização do evento e entram nas consequências, negativas ou positivas, da presença da competição naquela sede. Assim, observa-se a necessidade da apuração sobre fatos relativos à promoção do torneio – que envolvem política e economia, principalmente – e sobre os efeitos do acontecimento naquele local. Aí, entram pautas sobre cotidiano, cultura e mesmo economia (no sentido microeconômico).

Mesmo quando o futebol passa a ser o foco das conversas, à medida que o torneio vai ganhando contornos emocionantes, a reação do público – e não só as partidas em si – viram notícia. Como na derrota do Brasil para a Alemanha por 7 a 1 nas semifinais da competição. Matérias sobre o choro da torcida e mesmo brincadeiras e memes sobre o resultado tomavam as páginas na web e em jornais.

É preciso, porém, entender que a Copa do Mundo de 2014 teve uma singularidade para efeitos desta pesquisa. A modalidade já é a principal favorita entre brasileiros, e apelidos como “o país do futebol” ou “pátria de chuteiras” são comuns como referência à nação. O esporte chega a ser um dos principais símbolos nacionais no exterior. Some-se a isso o fato de

o mesmo Brasil ser sede da maior competição de futebol. Assim, como autor deste projeto e como jornalista, há outro ângulo de análise – o de quem vê de dentro.

No entanto, a observação dos efeitos da Copa do Mundo no Brasil e da cobertura disso pela imprensa se faz necessário para a construção do projeto editorial da TOTAL. Lições sobre a relevância do grande evento esportivo para a sede e sobre as possibilidades de pesquisa de pautas puderam ser aprendidas durante o processo de realização do Mundial.

Em outras competições, principalmente fora do Brasil, reportagens ganham outra importância. O público, interessado no evento enquanto torneio esportivo, pouco conhece sobre aquele país ou cidade. Mesmo assim, a leitura sobre histórias daquele local podem entrar em áreas de interesse de quem acompanha o evento. Nesses casos, o desafio é não cair na irrelevância, mas mostrar um retrato curioso sobre a sede.

O jornalismo também pode ter na Copa do Mundo um exemplo da importância do grande evento esportivo nas contas públicas da sede. Isso gera debates políticos e econômicos no país, que podem mesmo se estender a outras nações do mundo, uma vez que isso influencia no comércio e nas relações internacionais.

Assim, como pode ser visto no *corpus* no anexo deste trabalho, a Copa do Mundo no Brasil, ainda que peculiar, serve como ponto de partida no reforço da cobertura de aspectos além dos meros relatos esportivos. Foi a observação do Mundial e do tratamento dado pela imprensa ao evento que inspirou a construção do produto da TOTAL, como será narrado adiante.

3.4 Confeção do projeto da TOTAL

A fase final de produção começou em agosto e durou até o início de novembro de 2014. Junto ao professor orientador, Paulo Paniago, discuti a melhor forma de criar um projeto editorial que não caísse em contradição com as propostas da cobertura de entorno. A TOTAL deveria ser produzida de modo a resgatar o aprendizado obtido não só durante a Copa do Mundo de 2014 e nas leituras acadêmicas, mas em todo o histórico do grande evento esportivo.

Antes do início da redação do projeto, decidimos pesquisar as origens e o histórico da competição esportiva para que chegássemos aos conceitos de grande evento esportivo e delimitássemos o ângulo de abrangência da TOTAL. Esse estudo, além das leituras sobre

acontecimento e revista – explicadas nos capítulos de procedimentos metodológicos e referencial teórico desta memória – levou a uma melhor compreensão do que deveria ser abordado no produto.

Projetos editoriais acadêmicos lidos durante o processo caminhavam por lados distintos. Havia os que eram formulados a partir de pesquisa prévia sobre um público, feitos para atender a esses interesses comerciais. Outros autores redigiram projetos a partir de uma ideia prévia, com definição posterior do público alvo para que o conteúdo, que nesses casos eram o objeto de estudo da pesquisa, fossem destacados.

Pelo planejamento de se construir uma proposta de revista sobre o entorno de grandes eventos esportivos, decidi pelo segundo percurso de produção. O foco, acima de tudo, estava na formulação de indicações sobre coberturas a respeito da influência das competições em setores diferentes do esporte propriamente dito. Não apenas como um simples guia, mas como uma criação de um meio específico para esse tipo de mobilização jornalística.

Assim, eu precisava ter em mente de que o projeto editorial TOTAL:

- Seria um projeto propositivo, ou seja, traria projeções futuras a partir do conhecimento de eventos passados;
- Apresentaria essas indicações a partir da cobertura em revista, de modo a se encaixar nas características desse formato jornalístico;
- Deveria trabalhar nos eixos de apuração, texto e imagem, de modo a propor trabalhos para contextualizar o leitor a cada evento;
- Trabalharia a ideia de que a periodicidade dependeria de cada competição abordada;
- Focaria mais no norteamento do conteúdo do que no desenho gráfico das páginas, que poderia ser modificado a cada edição (ou seja, a cada evento esportivo diferente);
- Pensaria já nas edições futuras, de modo a exemplificar as indicações, que não poderiam ficar sem parâmetro.

Era necessário discutir quais eventos se encaixariam na cobertura e até qual edição nós deveríamos incluir no projeto. No item 3.1.6 desta memória, foi definido como grande evento esportivo aquelas competições que atraem interesse internacional da mídia especializada e geral, além de ocorrerem em uma ou mais cidades sede pré-definidas em um curto espaço de tempo e com periodicidade menor que anual.

Nessa etapa, já seria preciso ter em mente o público. Afinal, apesar de a revista ter sido primeiro concebida em um modelo de cobertura, decidir quais eventos seriam abordados passaria da relevância de cada torneio em relação ao ponto de vista do leitor.

A definição do público está explicada dentro do próprio produto. Primeiro, fechei a pesquisa no Brasil, por ter estudado mais sobre a imprensa local nos anos de universidade e pela experiência em veículos brasileiros, além de o projeto acadêmico servir a uma universidade daqui. A partir disso, foram lidas as definições de público das principais revistas semanais de variedade (*Veja*, *Época* e *IstoÉ*), além de publicações segmentadas em esporte (*Placar* e *IstoÉ 2016*). A escolha desses veículos para leitura levou em conta o fato de os semanários de variedade, assim como a TOTAL, tratarem de política, economia, cotidiano e cultura, e de os periódicos esportivos promoverem a cobertura especializada – a *Placar*, de futebol, e a *IstoÉ 2016*, das demais modalidades olímpicas.

O público traçado, então, foi uma intersecção entre os leitores das publicações de variedade e das especializadas. Isso porque o interesse em esportes seria conjugado com a vontade de conhecer características das sedes e entender os efeitos do grande evento nos locais de competições e até mesmo fora deles – com desdobramentos inclusive no Brasil.

Sendo assim, o público da TOTAL ficou definido como:

- Ambos os sexos
- Idade entre 20 e 50 anos
- Classes AB
- Brasileiros de todas as regiões
- Com algum interesse maior em reportagens sobre o mundo e esportes.

Acertado o público, pude selecionar as competições a serem abordadas no projeto editorial. Estabeleci, para que a revista não ficasse sem circular por muito tempo, que haveria pelo menos duas edições por ano. Em se tratando de Brasil, as principais competições deveriam necessariamente ser incluídas. Eventos poliesportivos também entrariam na conta.

Para 2015, coloquei a Copa América de futebol, no Chile, e os Jogos Pan-Americanos, em Toronto (Canadá), como os eventos mais relevantes e, portanto, com edições obrigatórias. O torneio futebolístico atrai atenções por reunir as principais seleções sul-americanas, com

Brasil, Argentina e Uruguai, que já foram campeãs mundiais. O Pan, como é conhecida a competição poliesportiva, serve de preparatório aos Jogos Olímpicos e tem os principais atletas brasileiros em diversas modalidades, com cobertura ampla da imprensa especializada no país.

Incluí, também, a Copa do Mundo Fifa de Futebol Feminino, no Canadá. Esse evento, apesar de atrair bem menos olhares brasileiros que os demais, será disputado até uma semana antes e no mesmo país que os Jogos Pan-Americanos. Além disso, é o principal de uma modalidade com a qual se pode discutir sobre a presença da mulher no esporte. O Brasil, inclusive, teve excelentes resultados com a seleção feminina na década de 2000, com um vice-campeonato mundial e duas medalhas de prata nos Jogos Olímpicos.

Para 2016, o Campeonato Europeu de Futebol – mais conhecido como Eurocopa ou simplesmente Euro – marcado para ocorrer na França entrou na pauta muito pelo interesse do público brasileiro em acompanhar o futebol do velho continente, em torneios anuais como a Uefa Champions League e campeonatos Alemão, Inglês e Italiano. No Velho Continente, há concentração de grandes jogadores e seleções campeãs, e mesmo a televisão aberta tem se preocupado em transmitir as partidas. Além disso, a França, que sedia a competição em 2016, tem relevância no cenário internacional e aparece no imaginário do brasileiro como local turístico e cultural.

A última edição proposta é a dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em agosto de 2016. Como a Copa do Mundo, as Olimpíadas no Brasil serão um evento singular, sem precedentes. Ainda assim, a competição entra no calendário dentro de um volume especial, para dar início a uma fase mais madura da TOTAL (já com experiências de grandes coberturas anteriores). O projeto editorial se encerra com os Jogos do Rio por eles representarem um segundo marco, tal qual foi a Copa para o início da construção da TOTAL.

Tendo a definição do público, dos eventos a serem cobertos e do formato da TOTAL, era o momento de escrever as indicações sobre pautas, apuração, texto, imagem e apresentar as competições abordadas pela revista, já com indicações de pautas. Para isso, foi feita uma “pré-pré-apuração”, para entender melhor sobre as sedes e os torneios a partir da leitura de dados e documentos.

Com isso tudo em mãos, o projeto editorial foi montado em estrutura lógica. Primeiro, apresentei as justificativas desse tipo de cobertura e o nome da revista. Depois, expliquei o

público e o formato, para, aí sim, entrar nos direcionamentos editoriais – que envolveriam toda a linha de montagem de uma redação, desde a pesquisa pré-pauta até a finalização com a equipe de arte. A partir dessas propostas, incluí as indicações de cobertura dos eventos escolhidos.

Havia, no entanto, duas questões que não faziam parte de meus domínios, mas que precisariam ser mencionados e trabalhados – mesmo que de forma não prioritária: a administração de um veículo de comunicação e especificações gráficas.

Decidi não entrar na questão da viabilidade financeira, uma vez que foge da minha alçada e de minha formação em jornalismo. Planejei equipe e calendário de acordo com critérios meramente próprios da profissão – inclusive trabalhando com o prospecto de ter a menor equipe possível. Questões de finanças, porém, não tiveram a atenção dedicada. Sugestões de pagamento até foram pensadas – mas como sugestões, para serem tocadas no futuro com pessoas hábeis a fazer esse tipo de planejamento.

Essa crítica até tenho em relação à formação do jornalista. Para que veículos independentes surjam, é preciso que o profissional saiba gerir um negócio próprio com baixo orçamento para manter o produto – o que é importante até para a democratização da comunicação, oligopolizada no Brasil pelas mesmas empresas.

Outro detalhe fora de meu conhecimento pleno são as questões técnicas e gráficas de uma revista. A preocupação da TOTAL enquanto produto acadêmico, vale ressaltar, está na pesquisa e na produção de material sobre cobertura de grandes eventos esportivos – com a revista como suporte por critérios editoriais. A parte gráfica é estritamente necessária, porém, na definição de um projeto editorial, mas não estava no foco de meu processo acadêmico.

Para me auxiliar nessa área, convidei a jornalista Ramilla Rodrigues, que participou das discussões de projeto gráfico de produtos da UnB como o jornal *Campus* (2/2012). Ramilla foi a responsável pela formatação do projeto editorial e por indicar ideias para as definições gráficas das edições futuras da TOTAL – a partir de discussões comigo e com entendimento prévio do que se tratava o produto.

Foi nessas discussões que decidimos formatar o projeto editorial no mesmo formato das edições programadas. Com quantidade generosa de texto, um produto com presença de imagens e diagramação interessantes ajudaria a tornar a leitura do documento mais prazerosa

e fluida – não só pensando na banca avaliadora, mas também em qualquer pessoa com curiosidade na iniciativa TOTAL.

Nossa maior inspiração foi a revista *Campus Repórter*, laboratório de grande reportagem da FAC/UnB. Eu e Ramilla utilizamos o mesmo formato da edição 13. Isso porque a publicação universitária tem proposta editorial parecida com a da TOTAL, no que diz respeito à escolha do texto jornalístico e de pautas no formato reportagem e com bom uso do meio para imagens de ilustração ou fotográficas. Escolhemos a mesma fonte da *Campus Repórter*, a Triplex Serif, pelo aspecto informal e ao mesmo tempo graficamente bem resolvido com o tema de ambas as publicações.

Finalizado em 2 de novembro de 2014, o projeto editorial da TOTAL passou por revisões, de texto, conteúdo e imagens, para que se tornasse um produto de acordo com os propósitos desta pesquisa acadêmica. Não valeria a mim – pelo histórico de interesse no tema e na pesquisa sobre o assunto – criar apenas páginas com indicações de como se cobrir o entorno de uma grande competição esportiva sem que se pensasse num formato, nas características peculiares de cada evento e na leitura do público.

Apesar de não ser a revista pronta, e sim o impulso para que ela ocorra, o projeto editorial da TOTAL mereceu o tratamento de um produto acadêmico que, ao mesmo tempo em que fosse capaz de se justificar, pudesse propor novas indicações e propostas para o jornalismo de grandes eventos.

4. Resultado: o projeto editorial da TOTAL

Relatado o caminho que se seguiu para a formulação do produto, fica possível explicar a estrutura do projeto editorial da TOTAL. Ao todo, são 72 páginas – contando com capa e verso. O formato está de acordo com o planejamento gráfico esperado para as edições futuras da revista.

Como visto no capítulo anterior, o projeto editorial foi esquematizado para seguir uma lógica sequencial das apresentações e das conclusões. Ou seja, primeiro é explicado o que é e o porquê de ser da TOTAL. Em seguida, os compromissos editoriais receberam explicações a respeito de cada fase da produção das edições – que tiveram a cobertura planejada na parte seguinte. Por fim, indicações de detalhes gráficos e técnicos da publicação em capítulo anexo ao projeto editorial propriamente dito.

A seguir, explicações sobre cada pedaço do projeto editorial da TOTAL ponto a ponto.

- **Capa**

A página de abertura do projeto editorial foi pensada para chamar atenção ao nome da revista ao mesmo tempo em que deveria ser o mais simples possível, livre de elementos excessivos. Para esse reforço, o nome da TOTAL com a logo na fonte White Rabbit ficou colocado por cima da imagem, uma pista de atletismo. A intenção era representar graficamente o projeto editorial como um ponto de partida para futuras produções da revista.

- **Início: A necessidade de ir além do esporte e Então, por que TOTAL?**

As primeiras páginas de conteúdo funcionam como uma apresentação da TOTAL em linhas gerais. Primeiro, justifica-se a cobertura de entorno em grandes eventos esportivos, com um texto que argumenta a importância desse tipo de abordagem jornalística. Em seguida, a partir da justificativa da publicação, é explicado o nome da revista, que foi escolhido segundo os critérios explícitos no subcapítulo 3.2 desta memória. A ideia era apresentar os motivos da existência da TOTAL para que, a partir disso, fosse indicada a estrutura da revista e os modelos de construção jornalística do conteúdo.

- **Nosso público: para quem escrevemos**

Como explicado no subcapítulo 3.4, a formulação do projeto editorial viria a partir do estudo acadêmico sobre jornalismo e grandes eventos esportivos. A pesquisa de público, portanto, não seria o ponto de partida, mas um acessório intermediário entre a definição do que seria o produto e as indicações editoriais da revista. O texto relata o processo com o qual se chegou a esse leitor alvo e quais as inspirações da TOTAL em relação às outras publicações.

- **Compromissos editoriais**

É uma parte que ilustra as técnicas de apuração, texto e imagem a partir do formato escolhido para o produto, que é a revista. A explicação do formato precede as indicações editoriais porque, como visto no subcapítulo 2.3.2, a reportagem em revista tem características próprias. Sem essa fundamentação, as propostas de conteúdo da TOTAL poderiam ficar injustificadas.

Após a descrição do formato, são indicados, passo a passo, os meios de construção das reportagens da TOTAL. Isso começa a partir da discussão de quais pautas devem entrar, sobre quais assuntos e como procurá-las. Depois, são indicadas as rotinas de apuração e de redação dos textos até as definições sobre a parte imagética da revista.

Tais orientações são mostradas em tópicos, logo após um texto maior de apresentação a cada assunto e tema abordados. Esse padrão também é seguido na parte seguinte do produto, nas explicações sobre as coberturas seguintes da TOTAL. Os trechos têm caráter indicativo e descritivo, e resumem, em poucas linhas, os objetivos editoriais da revista.

- **Planejamento de coberturas**

Esta parte apresenta as diretrizes centrais para as primeiras edições da TOTAL até a especial dos Jogos Olímpicos de 2016. A ideia é mostrar as principais características dos países e/ou cidades sede e, a partir daí, indicar meios de se encontrar pautas. Não se objetiva mostrar pautas prontas, até porque elas partem de discussões editoriais com a equipe de reportagem. Trata-se de apontar ideias de onde podem partir apurações sobre determinados assuntos

Para cada evento, o projeto editorial da TOTAL mostra, primeiro, as características da competição esportiva em questão. Isso foi feito para justificar a os motivos de o torneio

constar no planejamento de cobertura da revista. Depois, são apresentados fatos sobre a sede, seguindo a relevância de cada um deles para o público da revista.

A partir disso, foram indicadas, em tópicos, ideias preliminares de onde é possível retirar pautas para aquela edição. Até que se chegasse a essas indicações, foi feita pesquisa com base em dados oficiais e leituras dos meios de comunicação sobre esses locais.

Ao fim, o projeto editorial apresenta um calendário preliminar das coberturas de 2015, com base em critérios técnicos de escalação de equipe e de processos de apuração. Esse cronograma não aparece para 2016 para que o primeiro ano de atividades da TOTAL sirva como primeira experiência. Anos futuros devem ser debatidos de acordo com os primeiros resultados da revista.

- **Anexos**

Na primeira parte, é apresentado, em linhas gerais, o planejamento gráfico não só do projeto da TOTAL, mas também das edições futuras da revista. São explicadas as inspirações e os motivos de a publicação seguir tais exemplos.

Depois, são mostradas ideias para a administração da revista, com indicações de financiamento, de impressão e de distribuição. Apesar de não serem áreas de enfoque deste projeto, o objetivo é apontar meios de tornar a TOTAL realidade, para que saia apenas de um planejamento acadêmico.

- **Imagens utilizadas**

Fotografias e ilustrações no projeto não apenas indicam como as páginas da TOTAL devem funcionar nas edições da revista, mas sim oferecem uma leitura mais agradável desse tipo de documento técnico. Mas, para que isso fosse possível, foram escolhidas fotografias ou de arquivo pessoal ou disponíveis na plataforma Creative Commons, que permite a replicação desde que sejam dados os devidos créditos aos donos das imagens.

Um problema verificado na questão dos direitos de imagem estava no uso das logos para se referir a cada evento. Apenas os Jogos Olímpicos de 2016 estabeleciam regras burocráticas, mesmo em trabalhos acadêmicos, para o uso da marca. Foi decidido, então, lançar mão de uma ilustração própria para designar o início das páginas sobre as Olimpíadas do Rio de Janeiro.

CONCLUSÃO

Grandes eventos esportivos fazem parte do imaginário das pessoas. Mesmo quem não é fã pode perceber o cotidiano mudar quando as maiores competições ocorrem. Ruas ficam vazias em dias de jogos importantes na Copa do Mundo e nas Olimpíadas. Pessoas comentam sobre quem deve ganhar ou perder nas ruas, no shopping, no trabalho e no ônibus. Quando a equipe para a qual se torce é a vitoriosa, a comemoração é geral. Pobre e rico comemoram o resultado.

Todos querem assistir a essas competições. Por isso, sediar um evento esportivo é a chance de projetar um país e de empresas lucrarem com patrocínios. Assim, setores aparentemente alheios ao calor das disputas esportivas têm interesse nelas. A política se ajusta para criar condições de receber os torneios, que envolvem obras milionárias (às vezes bilionárias), nem sempre bem aceitas por quem vive ali perto de onde uma nova e luxuosa arena.

Esses desenrolares do negócio esportivo, portanto, mostram como o jornalismo não deve ficar preso aos resultados de dentro de campo. O público quer e precisa saber de possíveis fraudes em financiamentos a histórias curiosas sobre trabalhadores e turistas, que são personagens do torneio ainda que em momentos distintos.

Foi pensando nisso que a TOTAL foi formulada. A partir da experiência brasileira em receber grandes eventos esportivos, como os Jogos Pan-Americanos, a Copa do Mundo e, futuramente, as Olimpíadas, o jornalismo deve notar ainda mais que essas competições oferecem uma miríade de possibilidades em pautas e abordagens.

O jornalismo, portanto, não pode ignorar esses torneios e delegá-los a uma mera cobertura esportiva que privilegie simplesmente os resultados. Repórteres e editores de outras áreas devem ficar atentos ao que ocorre no contexto de cada evento. Gastos excessivos em um país sede do outro lado do planeta podem piorar a crise da dívida pública desse local e levá-lo a um calote que quebra bolsas de valores do mundo inteiro. E, aí, mesmo quem só quer ler a página de esportes pode se deparar com um preço maior na gasolina por uma hipotética alta do petróleo.

A revista, como visto, privilegia um conteúdo analítico, com texto aprimorado e uso das artes gráficas e fotografia. Assim, para que a cobertura fique tão especial quanto o evento é em si, por causa da singularidade e da capacidade de mexer com a emoção das pessoas, o jornalismo de revista pode expandir os conhecimentos do leitor ao coloca-lo frente a frente à realidade daquela sede.

É por isso que a TOTAL não deve ser encarada apenas como um projeto editorial de revista, mas sim como uma ideia para o jornalismo – vítima hoje de um cenário que só explora a apuração preguiçosa, com repórteres acomodados em suas cadeiras na redação e editores sem liberdade de pautas por causa de interesses comerciais dos veículos.

A TOTAL pretende levar a cobertura de um grande evento esportivo a um novo patamar. Dar ao leitor uma literatura que ambiente, informe e entretenha. Que seja capaz de fazer quem lê a aumentar ainda mais o interesse nas competições – agora, não apenas para torcer, mas para entender melhor o mundo que o cerca.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Karen C. K.; BAPTISTA, Íria C. Q. *A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial*. 2010. Disponível em <<http://staticfiles.joaquimnabuco.edu.br/REC/20141/0197/60171NA/008800/dd2e8ddf25de3a.pdf>>. Acesso em 14 de novembro de 2014.
- BATISTA, Cicélia. *O planejamento de cobertura na construção do acontecimento esportivo*. In: *XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Natal: Intercom, 2008.
- BERGER, Christa; TAVARES, Frederico M. B. *Tipologias do acontecimento jornalístico*. In: *VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. São Paulo: SBPJor, 2009.
- BORELLI, Viviane. *O esporte como uma construção específica no campo jornalístico*. In: *XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Salvador: Intercom, 2002.
- BUITONI, Dulcília. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. *Sotaques d'aquém e d'além mar – travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*. São Paulo: Summus, 2008.
- DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos – Jogos Olímpicos*. São Paulo: Panda Books, 2004.
- GORDON, Robert S. C.; LONDON, John. *Italy 1934 – football and fascism*. In: TOMLINSON, Alan; YOUNG, Christopher. *National identity and global sports events*. Albany, Nova York (Estados Unidos): State University of New York Press, 2006.
- HORNE, John; MANZENREITER, Wolfran. *An introduction to the sociology of sports mega-events*. Oxford (Reino Unido): Blackwell Publishing Ltd, 2006.
- KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: norte e sul – manual de comunicação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- LAGE, Nilson. *A reportagem. Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LAGE, Nilson. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- LISI, Clemente A. *A history of the World Cup – 1930-2010*. Plymouth (Reino Unido): Scarecrow Press, Inc, 2011.
- McCOMBS, Maxwell. *The agenda-setting role of the mass media in the shaping of public opinion*. Disponível em <http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/mccombs01.pdf>. Acesso em 14 de novembro de 2014. Sem data.
- McCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. *The agenda-setting function of mass media*. *Public Opinion Quarterly*, 1972, 176-187.

McDONALD, Mark A.; MILNE, George R. *Sport marketing – Managing the exchange process*. Toronto (Canadá): Jones and Bartlett Publishers, 1999.

NAPOLITANO, Paul. *International football and international relations: football as foreign policy between Italy and England, 1933, 1934 e 1939*. Maio de 2009. 79 folhas. Dissertação de mestrado apresentada ao Comparative History Department Brandeis University. PDF disponível em

<http://ir.brandeis.edu/bitstream/handle/10192/23243/Napolitano_Thesis_May2009.pdf?sequence=1>. Acesso em 14 de novembro de 2014.

ROCHE, Maurice. *Mega-events & Modernity: Olympic and Expos in the growth of global culture*. Nova York (Estados Unidos): Routledge, 2000.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2003.

TOMLINSON, Alan; McFEE, Graham. *Riefenstahl's Olympia: Ideology and aesthetics in the shaping of the aryan athletic body*. *The International Journal of the History of Sport*, volume 16, p. 5, 7 de março de 2007.

TSURUDA, Maria Amália Longo. *Origens da prática esportiva no ocidente*. *Mirandum*, Porto, nº18, 2007. Pp. 19 a 29.

WALVIS, Tjaco. *Three eras of World Expositions: 1951-present*. Amsterdã (Holanda): Stardust New Ventures, 2004.

WASSERMAN, Martin. *Transcending ethnocentrism in sports research: the case of Aztec player gambling*. In: ANTHROPOS INSTITUTE, *Anthropos*, pp. 874-878, 1983.

WENNER, Lawrence A. (org). *Media, sports & society*. Newbury Park, Califórnia (Estados Unidos): SAGE Publications, 1989.

WOLFE, Tom. *The new journalism*. Estados Unidos: Harper & Row, 1973.

Referências utilizadas durante a formulação do projeto editorial estão descritas nas páginas 70 e 71 do produto.

ANEXOS

A1: Orçamento

Diagramação (por Ramilla Rodrigues): R\$ 200

Impressão (pela gráfica Mult Graf Color): R\$ 480 (cinco exemplares iniciais)

A2: *Corpus* de exemplos

Este *corpus* é composto de matérias e reportagens de entorno dos grandes eventos esportivos em meios impressos e online. Não se trata de modelos de textos para a TOTAL – que é no formato de revista –, mas, sim, de exemplos sobre como é possível se encontrar pautas sobre as interferências da competição esportiva para além dos campos ou dos ginásios.

Eventos anteriores

Veja – 23/7/1980 (Transcrição parcial)¹³

Abre-se o espetáculo

Os russos montam uma majestosa Olimpíada e fazem de tudo para apagar as marcas do boicote promovido pelos EUA – mas falta uma alma aos Jogos

Dorrit Harazim

De tanto organizar a XXII Olimpíada de Moscou, os líderes soviéticos esqueceram-se de dar-lhe, também, uma alma. Tudo na majestosa capital russa fora planejado, previsto, controlado e esterilizado para prevenir qualquer acidente ou incidente. À exceção, somente, de uma teimosa chuva que afastava os russos de seus banhos de sol e ameaçava afogar esperanças de desempenhos excepcionais em atletismo. Até mesmo o boicote olímpico decretado pelo presidente americano Jimmy Carter, que tumultuou de vez o cenário esportivo mundial e fez derreter o peso de algumas das medalhas mais cobiçadas, acabou servindo de incentivo adicional aos soviéticos para eles mostrarem que podem fazer uma festa sozinhos.

(...)

Significativamente, Moscou não está em festa agora. Os preparativos para a Olimpíada, é certo, foram algo nunca visto. Cálculos ocidentais dizem que os russos queimaram nestes Jogos quase 3 bilhões de dólares, quase dez vezes a cifra oficial. Os efeitos estão por toda parte. Mais de 100 000 árvores e alguns milhares de mudas de flores foram plantadas. Não menos que 2 000 vias públicas foram recapeadas. Ampliou-se o metrô. Todo um aeroporto internacional foi reconstruído – Sheremetyevo II.

¹³ HARAZIM, D. Abre-se o espetáculo. *Veja*. Nº 620, pp. 46-47, 23 jul. 1980.

Na verdade, porém, o ambiente na capital soviética evoca menos a especial, comovente Montreal de quatro anos atrás, contagiada pela magia olímpica, que a Aparecida do Norte no dia da tão esperada visita do papa: por excesso de cuidados, acabou faltando gente. No caso, gente de casa, já que turistas continuam a desembarcar no aeroporto de Sheremetyevo, embora bem menor que os 300 000 esperados.

UOL Esporte – 25/8/2006¹⁴

Superávit de 20 mi de euros na organização da Copa da Alemanha

AFP

O comitê de organização da Copa do Mundo da Alemanha-2006 anunciou nesta sexta-feira que registrou um lucro de 20 milhões de euros após a disputa do torneio de 9 de junho a 9 julho.

"Nosso objetivo era fechar o orçamento com equilíbrio e fizemos melhor, com lucro", comemorou Theo Zwanziger, um dos vice-presidentes do comitê organizador.

"Esta quantia será investida em prol do esporte alemão", acrescentou sem dar mais precisões.

Os ganhos totais do comitê organizador chegaram a 450 milhões de euros, graças sobretudo à ocupação dos estádios próxima a 100% e aos patrocinadores.

Placar Especial -- ?/7/2012 (transcrição parcial)¹⁵

London, London, London

A capital do Reino Unido é a primeira cidade a sediar três edições olímpicas. Em 1908 e 1948 deu exemplo de organização e de gestão de recursos. Em 2012 não será diferente.

¹⁴ Trecho extraído de: AFP. Superávit de 20 mi de euros na organização da Copa da Alemanha. *UOL Esporte*. Disponível em <<http://esporte.uol.com.br/ultimas/afp/2006/08/25/ult33u57553.jhtm>>. Acesso em 22 de outubro de 2014.

¹⁵ Trecho extraído de: OLIVEIRA, J. London, London, London. Placar Especial – Guia Olímpico Londres 2012. Nº1368-A, pp. 16-17, julho de 2012.

Jonas Oliveira

Ao vencer Paris na disputa para ser a sede da Olimpíada 2012, Londres garantiu uma posição de destaque na história dos Jogos: será a primeira cidade a receber pela terceira vez o evento. A escolha não deixou de ser um gesto de gratidão do Comitê Olímpico Internacional à capital do Reino Unido, que em 1908 e 1948 prontificou-se a sediar o conjunto de competições em momentos delicados para o COI. Originalmente, Roma seria a sede olímpica em 1908. No entanto, a erupção do vulcão Vesúvio em abril de 1906 devastou a cidade de Nápoles e fez com que o governo italiano desistisse de sediar a competição. Apenas em dezembro daquele ano o Comitê confirmaria a transferência para Londres. Em 20 meses, a cidade conseguiu organizar uma edição que se tornou marcante – ela estabeleceu práticas que se tornariam padrão e que estão vigentes ainda nos dias atuais.

As inovações londrinas começaram pela estratégia de utilizar locais de competições já existentes sempre que possível. Para driblar as restrições de tempo e orçamento, as competições de tênis foram realizadas em Wimbledon, as de polo em Hurlingham e as de tiro em Uxendon School Shooting Club e Bisley Rifle Range. Londres foi, porém, a primeira sede olímpica a construir um estádio na zona oeste da cidade especificamente para sediar a maior parte das competições e as cerimônias de abertura e encerramento. Sem dinheiro para bancar a obra, o comitê organizador conseguiu uma parceria com os organizadores da Exposição Franco-Britânica, que também seria realizada em 1908 em Londres.

O estádio de White City começou a ser erguido em 2 de agosto de 1907 e foi inaugurado em 14 de maio de 1908 na abertura da Exposição, com um público de 93 000 pessoas. O custo total de construção foi de 60 000 libras (cerca de 5,9 milhões de libras em valores corrigidos, o equivalente a 18,4 milhões de reais). O White City era o maior estádio já construído até então, e tinha dimensões superlativas. O campo era cercado por uma pista de atletismo de aproximadamente 540 metros (o padrão atual é de 400 metros) e outra para ciclismo, de 600 metros. Ao lado do gramado, havia uma piscina de 100 metros de comprimento, plataformas para ginástica olímpica e tiro com arco.

Correio Braziliense – 8/7/2014 (transcrição parcial) ¹⁶

Argentinos na passarela

Fellipe Seffrin e Rodrigo Antonelli

Normalmente colorido por carros alegóricos e passistas, o Sambódromo do Anhembi, em São Paulo, acostumou-se com tons menos chamativos na última semana. Pela segunda vez em sete dias, o local virou casa de argentinos e o azul claro tomou conta da avenida carnavalesca. Cerca de mil fanáticos pela seleção de Messi e Cia. devem ocupar o local até amanhã, quando a equipe sul-americana enfrenta a Holanda, pela semifinal da Copa, às 17h, no Itaquerão.

A maioria deles nem sequer tem ingressos para a partida, mas o fato de estar vivenciando o Mundial parece bom o suficiente para manter o astral. Nem o cansaço das longas viagens tira a animação dos torcedores, que fazem do Sambódromo o quintal de casa: churrascos, refeições em grupo, jogos de tabuleiro e, claro, uma “peladinha” com chinelos marcando os gols compõem o cenário do local. Sentindo-se em casa, eles decoraram a avenida com bandeiras da Argentina e faixas em todos os tamanhos.

Há 30 dias na estrada e com mais de 10 mil quilômetros rodados, um grupo de 11 amigos preparou um ônibus superequipado para aguentar a maratona. A casa motorizada custou mais de R\$ 50 mil. Conta com quatro beliches, banheiro, sala de estar com som e televisão e uma cozinha pequena. “Compramos um ônibus completo e transformamos em um motorhome. Trabalhamos desde abril de 2013 e só ficou pronto um dia antes da Copa começar”, conta o advogado Santiago Alfieri, 30 anos. “Participar do Mundial não tem preço!”

¹⁶ Trecho extraído de: SEFFRIN, F.; ANTONELLI, R. Argentinos na passarela. *Super Esportes (Correio Braziliense)*. Brasília, p. 7, 8 jul. 2014

Folha de S. Paulo (online) – 23/5/2014 (transcrição parcial)¹⁷

Custo da Copa equivale a um mês de gastos com educação

Gustavo Patu, Dimmi Amora e Filipe Coutinho

Mesmo mais altos hoje do que o previsto inicialmente, os investimentos para a Copa representam parcela diminuta dos orçamentos públicos.

Alvos frequentes das manifestações de rua, os gastos e os empréstimos do governo federal, dos Estados e das prefeituras com a Copa somam R\$ 25,8 bilhões, segundo as previsões iniciais.

O valor equivale a, por exemplo, 9% das despesas públicas anuais em educação, de R\$ 280 bilhões.

Em outras palavras, é suficiente para custear aproximadamente um mês de gastos públicos com a área.

A comparação deve ser relativizada porque haverá retorno, no futuro, de financiamentos. O Corinthians, por exemplo, terá de devolver os recursos que custearam o Itaquerão. Além disso, os gastos da Copa começaram a ser feitos há sete anos – concentrados nos últimos meses.

Na lista dos grandes empreendimentos, a Copa custará o triplo do que se planeja gastar na controversa transposição do rio São Francisco, exclusivamente em verbas do Orçamento federal.

Como os números ainda devem ser atualizados, é provável que se aproximem mais dos R\$ 30 bilhões da usina de Belo Monte (PA), a maior obra de infraestrutura financiada pelo governo Dilma Rousseff.

Época – 23/6/2014 (Transcrição parcial)¹⁸

E se o Brasil perder a Copa?

¹⁷ Trecho extraído de: PATU, G.; AMORA, D; COUTINHO, F. Custo da Copa equivale a um mês de gastos com educação. *Folha de S. Paulo*. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/05/1458720-custo-da-copa-equivale-a-um-mes-de-gastos-com-educacao.shtml>>. Acesso em 22 de outubro de 2014.

¹⁸ Trecho extraído de: Bombig, A. E se o Brasil perder a Copa? *Época*. Nº 838, p. 38, 23 jun. 2014.

Dilma – e o próprio Lula – se prepara para usar o evento na campanha eleitoral. O maior risco é uma derrota nas oitavas de final

Alberto Bombig

A Copa do Mundo do Brasil está longe de ser, até agora, o caos que se desenhava e todos temiam. Os protestos ficaram sob controle, as torcidas fazem a festa e os jogos enchem os olhos. Nesse cenário, o governo federal e o PT já elaboraram uma estratégia para transformar o evento em atrativo eleitoral de Dilma Rousseff. O primeiro passo foi a reação aos insultos no Itaquerão. Os petistas avaliam que a radicalização do discurso “nós contra eles” – que atribuiu os insultos à elite – foi bem-sucedida. Dilma ainda mantém uma distância prudente da Copa, mas já há quem defenda dentro do partido uma aproximação dela com a Seleção Brasileira e a Copa do Mundo, a exemplo do que tem feito a chanceler alemã Angela Merkel. Até a última quinta-feira, Dilma era a única pré-candidata com coragem de aparecer num estádio de futebol. Dilma já está disposta a assistir à final do torneio, no dia 13 de julho, no Maracanã, hipótese descartada antes do início da competição.

Na avaliação do PT, nem mesmo a tentativa de invasão do Maracanã por um grupo de torcedores chilenos, na última quarta-feira, antes do jogo Espanha x Chile, foi suficiente para macular a imagem de tranquilidade da Copa. Os “Red Blocs” chilenos entraram no Maracanã pela sala de imprensa, território controlado pela Fifa. A Fifa assumiu a responsabilidade e prometeu rever a segurança. Oitenta e oito torcedores acabaram na cadeira.

Uma outra ala do PT – os políticos da banda paulista que sonham com Lula candidato em outubro – quer coloca-lo na vitrine e transformá-lo, em caso de vitória do Brasil, numa espécie de “patrono da Copa”. Dizem que foi ele quem conquistou, ainda em 2007, o direito de o Brasil sediar o torneio. Desde então, Lula sempre foi para o confronto com quem quer que fosse para defender a Copa no país. Chegou a dizer que ter metrô até a porta dos estádios era “babaquice”. Para esses petistas de São Paulo, Dilma aderiu apenas na última hora, no pronunciamento que fez em cadeia nacional de televisão dois dias antes do jogo de abertura. Com uma eventual vitória do Brasil, eles sustentam que Lula sai ainda mais pré-candidato que Dilma.

Há, no entanto, obstáculos a Dilma e Lula até a possível apoteose. São as oitavas de final. Se a Seleção for desclassificada prematuramente no torneio, é provável que o mau humor volte ao país. O Brasil só perdeu nas oitavas em 1990, quando um dos piores times de

nossa história naufragou diante da Argentina de Maradona. Uma derrota nas quartas poderia fornecer ao governo um certo alívio, pois o Brasil já foi eliminado diversas vezes nessa etapa, em 2006 e 2010. No Palácio do Planalto, não há plano B caso isso aconteça. A presidente acredita na vitória da Seleção e nem quer pensar na hipótese de uma derrota prematura.

*“I try to sell myself, but I am really laughing
because I just love the music, not the bling”*